

# Revista Filosófica de Coimbra

vol.17 | n.º33 | 2008

Mário Santiago de Carvalho  
Fernanda Bernardo  
Luís António Umbelino  
Jean-Christophe Goddard  
Rui Alexandre Grácio  
Artur Ramos  
Luís M. Augusto  
Maria Luísa Portocarrero  
Jérôme Porée  
Diogo Ferrer  
Cláudio Alexandre Carvalho

LÉVINAS E DERRIDA\*  
“UM CONTACTO NO CORAÇÃO DE UM QUIASMA” I

FERNANDA BERNARDO\*\*

(Universidade de Coimbra)

*para Marina Themudo*

**Resumo:** «um contacto no coração de um quiasma», assim caracterizou Emmanuel Lévinas a sua relação com o pensamento de Jacques Derrida. «Não sei», respondeu este por sua vez, se «o quiasma de que ele fala, se o “coração do quiasma” [...] dá lugar ao “contacto”, mas há seguramente nele coração». O motivo do “coração”, tal como Derrida o repensou, ele que, no dizer do próprio Lévinas, ousou repensar tudo diferentemente, é aqui o fio condutor para tentar aproximar a modalidade do “contacto” entre estes dois filósofos com a intenção de vir depois a salientar como a sua singular proximidade de *pensamento* e quanto ao que apela e/ou dá a pensar não exclui também o diferendo e os desvios diferenciadores.

---

\* Texto de um seminário com o título «Lévinas et Derrida – Fidélité à plus d’un» leccionado, a 6 de Dezembro de 2007, no *Collège International de Philosophie* (Paris) na sessão do Seminário «Lévinas et Derrida» do Programa de Seminários 2007-2008 do *Collège International de Philosophie* e da *Sorbonne IV/Paris*, com o título *Emmanuel Lévinas et la Philosophie Française Contemporaine*, sob a responsabilidade de Danielle Cohen-Lévinas e de Gérard Bensussan.

O texto deste Seminário – do qual se mantiveram os traços de oralidade e a que agora se juntaram grande parte das notas de rodapé com intuítos de fundamentação teórica nesta outra cena, e do qual se edita agora apenas a primeira parte (sendo a segunda, a editar no próximo volume da RFC, composta por mais dois parágrafos: 3º O “*coração do quiasma*” ou o “*point de contact*” entre “*Lévinas e Derrida*”; 4º Do “*Tout autre*” (Lévinas) ao “*Tout autre est tout autre*” (Derrida): pontos de *não*-contacto entre “*Lévinas e Derrida*”) – atesta igualmente uma investigação em curso afecta ao Projecto da FLUC/FCT/POCI 2004 *Jacques Derrida – Língua e Soberania* participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

\*\* Tradutora de Derrida e Professora de Filosofia Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. [fernandabern@gmail.com](mailto:fernandabern@gmail.com); [bernardoalves@fl.uc.pt](mailto:bernardoalves@fl.uc.pt)

**Résumé:** «le plaisir d'un contact au cœur d'un chiasme», c'est ainsi que Emmanuel Lévinas a un jour caractérisé son rapport à la pensée de Jacques Derrida. «Je ne sais pas», a répondu Derrida à son tour, si «le chiasme dont il parle, le 'cœur du chiasme' [...], s'il donne lieu à du 'contact', mais il y va sûrement du cœur». Le motif du 'cœur', tel que Derrida l'a repensé, lui qui, dans le dire même de Lévinas, a tout repensé *tout autrement*, c'est ici le fil conducteur pour essayer d'approcher la modalité du 'contact' entre ces deux philosophes tout en décelant comme leur singulière proximité de pensée et quant à ce qui appelle et/ou donne à penser n'exclut pas le différend et les écarts différentiels.

**Palavras-chave:** Coração, Contacto, Meta-Ética, Desconstrução, Outro, Animal, Feminino.

**Mots-clés:** Cœur, Contact, Meta-Éthique, Déconstruction, Autre, Animal, Féminin.

## 1. «Lévinas e Derrida»: a conjunção disjuntiva de uma “relação sem relação”

«La relation avec autrui,  
c'est l'absence de l'autre»  
Lévinas<sup>1</sup>

«Lévinas e Derrida» então...

E impossível é não começar aqui a *escutar* a ressonância das palavras que dão o título a esta sessão de seminário: “Lévinas e Derrida”. Dois *nomes próprios* – Lévinas/Derrida – ligados por uma *conjunção*: e. E neste desejo confesso de bem lhe dizer “sim”<sup>2</sup>, quero dizer, de *bem* acolher este título tentando ao mesmo tempo e responder-lhe e responder por ele – nem que seja, como aliás nem poderá mesmo deixar de ser por falta de tempo, de modo necessariamente breve e quase alusivo –, partirei aqui da escuta da conjunção, tão banal quanto enigmática, que, neste título, liga entre si os nomes destes dois filósofos contemporâneos, e contemporâneos um do outro, cujos pensamentos são dois eventos filosóficos maiores do nosso

<sup>1</sup> E. Lévinas, *Le temps et l'autre*, PUF, Paris, 1947, p. 83

<sup>2</sup> «Il [o sim] est de part en part cette fable qui, *quasiment* avant l'acte et avant le *logos* reste *quasiment* au commencement.», J. Derrida, «Nombre de oui» in *Psyché. Invention de l'autre*, Galilée, Paris, 1987, p. 648.

tempo dos quais nós tivemos também a sorte de ser *quase* contemporâneos<sup>3</sup>: «Lévinas e Derrida».

E com “Et cetera...”<sup>4</sup> em mente – texto onde Derrida nos lembra que a desconstrução «introduz um *e* de associação e de dissociação no próprio coração de cada coisa», assim salientando o paradoxo de uma conjunção que não conjuga senão disjuntando ou dissociando ao mesmo tempo os “nomes” que é suposto conjugar ou ligar –; e com «Et cetera...» de Derrida em mente, dizia, pergunto e pergunto-me: na sua tão grande banalidade, que pode esta conjunção, que pode este *e* dar-nos já a escutar, senão mesmo a pensar, a nós leitores e leitoras *e* de Lévinas *e* de Derrida – *e...e*, quer dizer, *imediatamente* endividados a *mais de um* –, da *singularidade* da relação existente entre Lévinas e Derrida? Entre o pensamento de Emmanuel Lévinas (um pensamento do infinito, do “absolutamente outro” (“*Tout autre*”), da “ética”, da “intriga ética”<sup>5</sup> mais precisamente, numa palavra, da “santidade”<sup>6</sup> (*kaddosh*) ou da “separação”)

<sup>3</sup> Deixo aqui no silêncio a imensa dificuldade, se não mesmo a impossibilidade da ideia de “contemporaneidade”, do ser(-se) contemporâneo que, embora cada um a seu modo, estes dois filósofos (do tempo *do* outro ou *do* imemorial e, portanto, da diacronia, da anacronia e do contratempo como porvir (*à-venir*)) nos terão ensinado a *pensar e/ou a sofrer*. Direi aqui apenas que a questão do coração, que aqui nos serve de fio condutor, como metáfora e/ou metonímia da questão do *antes* e do *para além* do ser, do saber, do poder e do poder de poder, e portanto como questão da afecção, da “separação”, da intempesividade e da dis-junção interruptivas, tanto quanto da singularidade só e única, é precisamente o que interdita a contemporaneidade *como tal*. O que a interdita ou o que a põe “*out of joint*”. Interpretação para uma outra escuta e um outro entendimento do “*Il faut être absolument moderne*” de Rimbaud (“*Adieu*” in *Une saison en enfer*).

<sup>4</sup> Referência ao texto de J. Derrida, ‘Et cetera... (and so on, und so weiter, and so forth, et ainsi de suite, und so überall, etc.) in *cahier l’Herne, Derrida*, 83, s/d. Marie-Louise Mallet, Ginette Michaud, Paris, 2004, p. 21-34, onde na página 21 se pode ler que a desconstrução «introduit un *et* d’association et de dissociation au cœur même de chaque chose». A primeira versão deste texto foi publicada em inglês em *Deconstructions. A user’s guide*, Nicolas Royle ed., Palgrave, New York, 2000, p. 282-305.

<sup>5</sup> Designação pela qual Lévinas, procurando dizer a *intriga* da proximidade, se demarca da ética filosófica (no seu habitual e determinante registo normativo, fundacional, arqueológico e onto-gnosiológico) e reafirma a concepção meta-ética do seu pensamento. Demarcando-se igualmente da concepção de experiência em sentido moderno, Lévinas explicita em *Dieu, la morte et le temps* esta ideia de intriga nos seguintes termos: «Le Dire sans Dit du témoignage signifie donc l’intrigue de l’infini – intrigue et non pas expérience, intrigue qui n’est pas expérience. Le mot désigne ce à quoi l’on appartient sans avoir la position privilégiée du sujet contemplant. L’intrigue rattache à ce qui se détache, elle attache à l’ab-solu – sans le relativiser.», Lévinas, op. cit.

<sup>6</sup> «[l’éthique,] c’est la reconnaissance de la sainteté. Je m’explique : le trait fondamental de l’être est la préoccupation que tout être particulier a de son être même [...] Et voici le

e o pensamento de Derrida – um pensamento do impossível, da incondicionalidade, da interrupção, da “interrupção ininterrupta”<sup>7</sup> mais precisamente, ou seja, do “absolutamente outro” (“*tout autre*”), do evento ou da singularidade? Porque é justamente esta relação, a sua modalidade ou a sua singularidade, o seu alcance e os seus traços, alguns dos seus traços mais marcantes, bem como aquilo que eles denunciam quanto à singularidade do seu respectivo pensamento filosófico, que, ainda que sucinta e demasiado esquematicamente, necessariamente, eu gostaria de começar por tentar aproximar aqui – assim aproximando, a par da sua extraordinária<sup>8</sup> proximidade de pensamento e quanto ao que apela e/ou dá a pensar, o muito que, apesar desta proximidade, *nesta* proximidade mesmo e em nome desta proximidade, também os separa. Que enigma, que segredo e/ou que bênção se esconde na banalidade desta conjunção *e* deste sintagma feito título: «Lévinas *e* Derrida»?

Uma coisa pelo menos é certa e antecipadamente todos nós aqui a sabemos: é que se a gramática desta conjunção, se o *e* que neste título *liga* (e desliga) entre si o nome destes dois filósofos (*liga des-ligando* como espero lograr vir a demonstrá-lo, salientando a aporia que terá locomovido o seu “contacto” amigável e/ou pensante) é absolutamente banal, a relação de que esta conjunção é o éter e a respiração, uma relação de amizade *e* pessoal *e* de pensamento, essa, nada tem de banal! É antes da “ordem” do *ex-ceptional*<sup>9</sup>, para o dizer na grafia desta outra palavra que pertence, como *bem* sabemos também, ao léxico filosófico de Emmanuel Lévinas: uma palavra que aponta já para a desmesura do fora-de-série *e*, portanto, do singular – do absolutamente singular. Do absolutamente singular *ou* do absolutamente outro (*tout autre*) que foi, como *bem* sabemos, a paixão do pensamento destes dois filósofos. E o próprio pensamento como paixão –

---

souci d’autrui l’important sur le souci de soi. C’est cela que j’appelle ‘sainteté’. Notre humanité consiste à pouvoir reconnaître cette priorité de l’autre.», Lévinas, «De l’utilité des insomnies» in *Les imprévus de l’histoire*, Fata Morgana, Montpellier, p. 201.

<sup>7</sup> «[...] ce que j’appelle la différance avec un *a* : interruption ininterrompue, *continuum* et délai de l’hétérogène», J. Derrida, ‘Fourmis’ in *Lectures de la différence sexuelle*, des femmes, Paris, 1994, p. 93.

<sup>8</sup> Para o alcance “ético” da grafia desta palavra no âmbito do pensamento levinasiano, para além de *Autrement qu’être* (p. 22), lembro: «Extériorité extra-ordinaire du visage. Extra-ordinaire, car l’ordre est justice: extra-ordinaire ou absolue au sens étymologique de cet adjectif en tant que toujours séparable de toute relation et synthèse, s’arrachant à la justice même où cette extériorité entre. L’absolu – mot abusif [...]», Lévinas, «Diachronie et représentation» in *Entre-Nous*, Grasset & Fasquelle, Paris, 1991, p. 185.

<sup>9</sup> Cf. E. Lévinas, *Dieu, la morte et le temps*, p. 25, [p. 43 na tradução portuguesa] e *Autrement qu’être*.

ou como *pesar*, diria eu na minha língua que, numa só palavra, permite ao mesmo tempo dizer a *experiência* pático-razoável (a bem distinguir de racional<sup>10</sup>) do pensamento como *portar*<sup>11</sup> ou *suportar*<sup>12</sup> (*porter* ou *supporter*) – não menos que a sua bem singular hiper-radicalidade. A hiper-radicalidade da sua resistência – ou a sua hiper-radicalidade como resistência<sup>13</sup>. Uma hiper-radicalidade, «uma espécie de apologia do excesso ou do desvio»<sup>14</sup>, dirá Derrida, que se testemunha no *autrement qu’être ou au-delà de l’essence* de Emmanuel Lévinas e no aporético *pas au-delà*<sup>15</sup> da desconstrução derridiana que sugerem a hipérbole ou a exorbitância<sup>16</sup> de um pensamento ditado, magnetizado, locomovido e dobrado à excepcionalidade e à intangibilidade/intocabilidade<sup>17</sup> do outro, do *absolutamente* outro, separado ou secreto<sup>18</sup>. “Santo”, diria Lévinas<sup>19</sup>. Um pensamento, por isso, necessariamente enlutado. Melancolicamente enlutado. E por isso também

---

<sup>10</sup> Uma distinção que, num e noutro filósofo, é um repensar da própria filosofia e da racionalidade (logocêntrica): uma distinção que Lévinas enfatiza, nomeadamente em *Sur Maurice Blanchot* (Fata Morgana, Montpellier, p. 65), através da sua distinção entre *raison raisonnée* ou *raisonnante* e *raison raisonnable*, e J. Derrida, nomeadamente em *Voyous* (Galilée, Paris, 2002, p. 217-217), através da subtil distinção entre *rationnel* e *raisonnable* – uma distinção que pressupõe a distinção entre *razão prática* e *razão teórica* que repensa.

<sup>11</sup> Cf. Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 209, 211, 228 ou cf. *Humanisme de l’autre homme*, p. 112-113.

<sup>12</sup> Para a lei da relação da semântica (ontológico-hermenêutica) do *Denken/Danken/Gedächtnis* e a do *Penser-Peser-Repenser*, veja-se nomeadamente J. Derrida, *Le toucher*; *Jean-Luc Nancy* (Galilée, Paris, 2000, p. 333 ss) e *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema* (trad. Fernanda Bernardo, Palimage, Coimbra, 2008) onde, na p. 21, se pode ler: «*Pensar* é também, em latim como em francês, *pesar*, *compensar*, *contrabalançar*, *comparar*, *examinar*. Mas para isso, para pensar e pesar, é então preciso portar [*porter*].».

<sup>13</sup> «la pesée – ce qui dans le toucher se marque comme tangible par la résistance opposée. Lieu de l’altérité ou de l’inappropriation absolue, limite», J. Derrida, *Le toucher*; *Jean-Luc Nancy*, p. 342.

<sup>14</sup> «une sorte d’apologie de l’excès ou de l’écart», J. Derrida, «Ja ou le faux-bond» in *Psyché*, p. 66.

<sup>15</sup> «C’est la logique inimaginable, impensable même de ce pas au-delà qui m’intéresse. Même si c’est impensable, car ça donne au moins le contour du pouvoir-penser», *ibid*, p. 60.

<sup>16</sup> Cf. E. Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 227, 234, 236. *Autrement qu’être* falará (p. 230-232) da excelência da hipérbole e do superlativo para referir a ênfase da exterioridade, da invisibilidade e da intangibilidade como o «para além» da onto-fenomenologia.

<sup>17</sup> É Derrida quem distingue intangível de intocável: o primeiro acentua o não-poder-tocar outrem, o segundo o não-dever-tocar outrem, cf. *Le toucher*; *Jean-Luc Nancy*, p. 334.

<sup>18</sup> Cf. J. Derrida, «Autrui est secret parce qu’il est autre» in *Papier Machine*, Galilée, Paris, 2001, p. 371 ss.

<sup>19</sup> Cf. nomeadamente «De l’utilité des insomnies» in *Les imprévus de l’histoire*, p. 201.

imediatamente sujeito ao contratempo da anacronia e da contradição: à “hipocrisia”, dirá Lévinas<sup>20</sup>; à aporia, dirá Derrida.

Para além das obras de um e de outro que, e por excelência<sup>21</sup>, no-lo testemunham, da singularidade ou da excepcionalidade da sua relação ousarei começar por dizer aqui exactamente o mesmo que Derrida disse, tanto da amizade de pensamento que o terá ligado a Philippe Lacoue-Labarthe e a Jean-Luc Nancy<sup>22</sup>, como da que, durante toda a vida, terá ligado Lévinas<sup>23</sup> a Blanchot<sup>24</sup> – *apesar da discórdia silenciada sobre tanta coisa do pensamento e da vida*: a saber, que ela foi uma “estranha, singular e exemplar

<sup>20</sup> Cf. E. Lévinas, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, p. 218, 233.

<sup>21</sup> As obras de Derrida que, mais de perto, testemunham a constância da atenção dada ao pensamento de Lévinas são nomeadamente: «Violence et Métaphysique» (1963) in *L'écriture et la différence*, Seuil, Paris, 1967; «En ce moment même dans cet ouvrage me voici» in *Psyché. Invention de l'autre*, Galilée, Paris, 1987; *À Dieu – à Emmanuel Lévinas*, Galilée, Paris, 1987; *Le toucher. Jean-Luc Nancy*, Galilée, Paris, 2000; *Apories*, Galilée, Paris; *L'animal que donc je suis*, Galilée, Paris, 2006.

<sup>22</sup> «Je crois qu'une certaine distance [...] nous a gardés et a gardé notre amitié en vie.», J. Derrida in «Dialogue entre Jacques Derrida, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy» in *Penser avec Jacques Derrida*, Rue Descartes, 52, PUF, p. 87.

<sup>23</sup> Sendo que também Lévinas e Blanchot terão sido os primeiros a falar da *excepcionalidade* da sua amizade. Assim, de Blanchot, dirá Lévinas no seu tocante diálogo com François Poirié (in F. Poirié, *Emmanuel Lévinas. Qui êtes-vous ?*, La Manufacture, Lyon, 1987, p. 70-71): «Nous étions ensemble pendant presque tout mon séjour à Strasbourg; [...] Je ne peux pas le décrire. J'ai eu d'emblée l'impression d'une extrême intelligence, d'une pensée se donnant comme une aristocratie, très éloigné politiquement de moi à cette époque-là, [...] Impression d'un homme sans opportunisme. Il a vécu d'une manière extrêmement aiguë et douloureuse l'occupation; il a notamment sauvé ma femme pendant la guerre où je me trouvais en captivité, et il a vécu d'une manière extraordinaire aussi 68 ! Il choisissait toujours le chemin le plus inattendu et le plus noble, le plus dur. Cette élévation morale, cette aristocratie foncière de la pensée est ce qui compte le plus et élève. [...] Il fut aussi pour moi comme l'expression de l'excellence française: pas tant à cause des idées qu'à cause d'une certaine possibilité de dire les choses, très difficile à imiter et apparaissant comme une force très haute. Oui, c'est toujours en termes de hauteur que je vous parle de lui.»

E de Lévinas, dirá Blanchot: «Je voudrais dire, sans emphase, que la rencontre d'Emmanuel Lévinas, alors que j'étais étudiant à l'université de Strasbourg, a été cette rencontre heureuse qui éclaire une vie dans ce qu'elle a de plus sombre.», M. Blanchot, carta de 11 Fev. 1980 in *Exercices de la patience*, n° 1, 1980, p. 67. E *Pour l'amitié* (Fourbis, Paris, 1996, p. 35): «C'est là mon salut à Emmanuel Lévinas, le seul ami – ah, ami lointain – que je tutoie et qui me tutoie; cela est arrivé, non pas parce que nous étions jeunes, mais par une décision délibérée, un pacte auquel j'espère ne jamais manquer.»

<sup>24</sup> Para esta relação veja-se também o admirável livro de Christophe Bident, *Maurice Blanchot. Partenaire de l'invisible*, Champ Vallon, Seyssel, 1998.

amizade”<sup>25</sup>: “estranheza, singularidade e exemplaridade” que o próprio Derrida reivindica<sup>26</sup> para caracterizar a sua relação com Lévinas (assim como com Blanchot). E “estranheza, singularidade e exemplaridade” (entre os dois primeiros) aqui postas a nu pela tão surpreendente revelação de Danielle Cohen-Lévinas no decurso da sua intervenção no seminário «Lévinas et Blanchot» e, de acordo com a qual, a última vez que ambos se terão visto – Lévinas que viveu até 1995 e Blanchot até 2003 – data precisamente do momento da defesa da tese de Lévinas na Sorbonne. Isto é, (data) do começo dos anos 60! Telefonando-se embora amiúde, quase diariamente nos últimos tempos, foi-nos também dito. *Tele-fonando-se*, isto é, contactando-se ou falando-se à distância (*tele-fone*), por interposição técnico-mediática, e, enquanto tal, relacionando-se também à distância. Ou seja, tocando-se com palavras<sup>27</sup> que são, elas mesmas (na sua condição de *tercialidade* (*terstis, testis*)), já a distância e a “separação”<sup>28</sup>, a interrupção da própria relação (dual) na sua mais alucinante e/ou alucinada proximidade (como é a relação telefónica, na qual parece que se tem o outro, a voz do outro no ouvido!), e que, *se tocam e quando tocam*, as palavras tocam à distância<sup>29</sup>. O que é dizer que esta “amizade de pensamento” entre Lévinas e Blanchot – tal como, vê-lo-emos já, de uma certa maneira também a existente entre Lévinas e Derrida<sup>30</sup> – viveu da distância, de uma certa distância (*tele-fone*), tendo por isso sido um testemunho vivo e vivido daquilo mesmo que ambos ensinam dever ser toda e qualquer relação que

---

<sup>25</sup> «Étrange, singulière et exemplaire amitié, que je médite plus que jamais depuis la mort de Blanchot.», J. Derrida a Alain David in op.cit., p. 31.

<sup>26</sup> Da amizade de pensamento entre Lévinas e Blanchot, dirá Derrida que, «tout énigmatique qu’elle demeure, elle oriente l’espace dans lequel [...] je me sens en quelque sorte «situé», aimanté», J. Derrida, «Derrida avec Lévinas» in op. cit., p. 31.

<sup>27</sup> «Il serait temps de parler de la voix qui touche – toujours à distance, comme l’œil – et de la caresse téléphonique, sinon du coup de téléphone.», J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 130.

<sup>28</sup> Como Derrida o dirá na página 63 de «Envois» (in *La carte postale*), onde está em questão «se toucher avec des mots.». Poder-se-ia “definir” também a desconstrução como a atenção da “separação” – não menos que como o mal da distância ou da “separação”: “Envois” são aliás a cena deste irremediável “mal da distância” e/ou da “separação”: «Ta voix tout à l’heure encore, [...] ta voix plus proche que jamais. La chance du téléphone – ne jamais en perdre une occasion -, il nous rend la voix», Derrida in op. cit., p. 14-15.

<sup>29</sup> Figura da *tercialidade* e portanto da generalidade ou da universalidade, da linguagem diz E. Lévinas em *Totalité et Infini*: «Le langage qui ne touche pas l’autre, fût-ce de tangence, atteint l’autre en l’interpellant ou en le commandant, ou en lui obéissant de toute droiture de ces relations.», op. cit., p. 56.

<sup>30</sup> Como Derrida confessará em «Adieu», p. 26.



preze incondicionalmente o outro na sua inestimável singularidade (Derrida) ou no absoluto da sua alteridade (Lévinas). A saber, uma indescritível<sup>31</sup> “relação *sem* relação”<sup>32</sup> – deste “*sem* relação” emergindo justamente *e* a ininterrupção ou a infinitude (in-finitude) selada da própria relação<sup>33</sup>, *e*, na terminologia de Lévinas, o *rosto* de um e de outro na estranheza da sua respectiva singularidade. Apelando, como Derrida faz também questão de nos lembrar no seu diálogo com Alain David a respeito de Lévinas, uma tal «amizade de pensamento», a suportar, «em nome da proximidade, uma certa “separação”, a distância infinita, a interrupção, até mesmo a contestação, a “relação sem relação” como eles [Blanchot e Lévinas] diriam ambos»<sup>34</sup>. Uma ininterrupta “relação *sem* relação”, no caso de Lévinas e Blanchot, não raro *em silêncio* a tocar a contestação<sup>35</sup> – uma contestação, um diferendo silencioso mas vivo, que passou nomeadamente pela questão do neutro<sup>36</sup> (*ne-uter*), pela sua respectiva relação ao pensamento de Heidegger, pelas suas respectivas paixões literárias e sobretudo, sobretudo pela questão política...

O que, quanto à relação de pensamento existente entre Lévinas e Derrida, não deixa de ser também já uma maneira de eu insinuar a *hipótese* para a qual aqui me inclino: a saber, a de que também a conjunção *e*, que neste título *conjuga* entre si os nomes e os pensamentos dos dois filósofos

---

<sup>31</sup> Indescritível, inenarrável é, no dizer de Lévinas, a relação sem relação ou a relação de aproximação de outrem: «L'inénarrable! – autrui perdant dans la narration son visage de prochain. Relation indescriptible, au sens littéral de ce terme; inconvertible en histoire, irréductible à la simultanéité de l'écrit, à l'éternel présent de l'écrit qui enregistre ou présente des résultats.», E. Lévinas, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Boston/London, 1988, p. 211.

<sup>32</sup> Cf. Maurice Blanchot, *L'Entretien Infini*, Gallimard, Paris, 1969.

<sup>33</sup> Lembremos Blanchot: «même quand la séparation fait son œuvre, le rapport n'est pas, fût-il interrompu, rompu.», *Une voix venue d'ailleurs*, Gallimard, Paris, 2002, p. 95.

<sup>34</sup> «Elle vous enjoint même, au nom de la proximité, d'endurer une certaine séparation, la distance infinie, l'interruption, voire la contestation, le 'rapport sans rapport', comme ils diraient tous deux.», J. Derrida in «Derrida avec Lévinas» in op. cit., p. 31.

<sup>35</sup> Como Derrida sublinhou, apesar do que tanto Lévinas como Blanchot disseram da sua aliança, existe entre ambos uma cena de diferendo irreconciliável: por vezes mesmo de oposição explosiva – por exemplo, em torno do “neutro” (cf. J. Derrida, *Adieu*, p. 98-99), em torno de um certo “anonimato” e em torno da sua respectiva relação ao pensamento de Heidegger. Para nada dizer daquilo que os distingue na sua relação ao “político” (Lévinas, por ex., não assinou o *Manifesto dos 121* nem se entusiasmou propriamente com Maio de 68, cf. Marie-Anne Lescourret, *Emmanuel Lévinas*, Champs/Flammarion, Paris, 1994, p. 11-16, 232-242). Para nada dizer do que significa a relação de Blanchot a Sade, a Bataille e a Lautréamont...

<sup>36</sup> Veja-se, E. Lévinas, *Sur Maurice Blanchot*, Fata Morgana, Montpellier, 1975, p. 50-52.

(Lévinas e Derrida: a meta-ética e a desconstrução), ao mesmo tempo (*ama*, como se diz em grego) os *disjunta* também. Mais: que esta conjugação não conjuga entre si estes dois nomes e o que, quanto ao pensamento filosófico, eles significam senão *imediatamente* os disjuntando também, dizendo-nos que, *também eles*, souberam à sua maneira ser próximos, muito próximos mesmo e, em nome dessa proximidade e a partir dessa proximidade, justamente, pensar o mesmo, pensando aquilo que, *de cada vez*, apela e dá a pensar, isto é, o outro, o absolutamente outro (*tout autre*), mas na “separação” e, por isso, singular, diferente ou idiomáticamente. Quer dizer, a partir da sua respectiva singularidade e numa ilimitada, tocante, rara e iluminada atenção à irredutibilidade da singularidade – sendo aliás esta *proximidade idiomática*, isto é, uma proximidade não espacial<sup>37</sup>, uma proximidade na “separação” ou na diferença e, *ipso facto*, (também) no diferendo – e desta feita nem sequer silenciado, como mais adiante se verá –, aquilo que, enquanto tal, quero dizer, enquanto ligado ao *idioma* e, portanto, ao “bio-gráfico”, *ao mesmo tempo* os aproxima e os afasta – os des-afasta. Os aproxima afastando-os, direi eu para referir o quiasma paradoxal que terá magnetizado a *poética* da sua relação. Que o mesmo é dizer a sua “relação sem relação”. Ou, na terminologia levinasiana<sup>38</sup>, a sua “relação metafísica”: uma “relação sem laço” no significativo dizer do próprio filósofo.

Os aproxima – e avancemo-lo já a título meramente indicativo, enquanto adiamos para uma tangente final a referência aos diferendos na proximidade ou apesar da proximidade: diferendos que, no dizer do próprio Derrida, tiveram sempre «a forma de debates incessantes, de discussões respeitadas mas muitas vezes graves»<sup>39</sup> –, uma “relação sem relação” que os aproxima, dizíamos, nomeadamente quanto à hiper-radicalidade e à hiperbolicidade do pensamento, da sua concepção de pensamento, justamente, situando-se a desconstrução derridiana, na sua indestrutibilidade ou na sua indesconstrutibilidade<sup>40</sup>, nas (mesmas) para-

<sup>37</sup> «La proximité», dirá Lévinas, «ne tient à aucune image, à rien qui apparaisse. La proximité va d’âme à âme, en dehors de toute manifestation de phénomène, en dehors de toute donnée», Lévinas, *Autrement qu’être*, p. 62, nota 35.

<sup>38</sup> Cf. Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 21-30.

<sup>39</sup> «[...] la forme de débats incessants, de discussions respectueuses mais souvent graves», J. Derrida in «Derrida avec Lévinas» in op. cit., p. 31.

<sup>40</sup> «Pour se rassurer ils disent : la déconstruction ne détruit pas. Tu parles, la mienne, mon immense, mon immortelle, c’est bien pire, elle touche à l’indestructible.», J. Derrida, «Envois» in *La carte postale de Freud à Socrate et au-delà*, Flammarion, Paris, 1980, p. 249.

gens da meta-ética levinasiana<sup>41</sup>, cuja eticidade exigentemente repensa (ainda que a exasperada hiper-radicalidade destas paragens seja diferentemente pensada por um e por outro filósofo: uma diferença que vai do «belo risco»<sup>42</sup> da transcendência meta-ética não contaminada pela imanência de Lévinas à apenas só *quase*-transcendência da desconstrução derridiana – ou que vai da *contradição* da meta-ética levinasiana<sup>43</sup> à inevitável *contaminação* da desconstrução derridiana). E os aproxima também ainda em relação à questão da hospitalidade (de *visitação*), da morte e da justiça – de uma *certa* justiça: de uma «justiça que», prévia e distinta do direito, «excede a justiça»<sup>44</sup>. Para nada aqui dizer ainda do seu recurso comum, a partir do início dos anos 60 – embora, e uma vez mais, com usos diferentes, como o próprio Derrida<sup>45</sup> o reconhecerá – ao seu *quase*-conceito de *trace*: um reconhecimento que é também o reconhecimento, senão mesmo a apologia, de que, «de uma certa maneira», e como o próprio Derrida o referirá, uma tal «amizade de pensamento, sem (vos) abandonar, (vos) deixa sós»<sup>46</sup>. Uma solidão que, marca da “separação” e portanto da individuação<sup>47</sup> ou da singularidade, é não só também a condição (de possibilidade) da própria relação, da relação ética ou *poética* com outrem, como a incondição da própria singularidade. Da difícil-necessária singularidade. Ou no dizer levinasiano a incondição da “unicidade” – da “unicidade sem identidade”<sup>48</sup>: para nada aqui dizer da “recorrência” do si-mesmo de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (1974)<sup>49</sup>, lembremos que *Le temps et l’autre* (1947) e *Totalité et Infini* (1961) nos dão a pensar a “separação” ou o “ateísmo”<sup>50</sup> como “interiori-

---

<sup>41</sup> «[...] l’ultra-éthique, je suis pour.», J. Derrida in J. Derrida e Pierre-Jean Labarrière, *Altérités*, Osiris, Paris, 1986, p. 74.

<sup>42</sup> Cf. Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 24.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 210-218.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 201.

<sup>45</sup> «Une trace s’en trouve dans notre recours commun (décisif pour chacun de nous et presque simultané, quoique sans concertation ni emprunt de part ou d’autre) au mot de trace, justement. *C’est un mot dont nous fîmes, déjà dans les années soixante, des usages certes fort différents à tant d’égards.*», J. Derrida a Alain David in op. cit., p. 32. Eu sublinho.

<sup>46</sup> «[...] cette amitié de pensée qui d’une certaine manière, sans vous abandonner, vous laisse seul», J. Derrida a Alain David in op. cit., p. 31

<sup>47</sup> Cf. E. Lévinas, *Le temps et l’autre*, PUF, Paris, 1979, p. 17 ss, *Totalité et Infini*, p. 45 ss.

<sup>48</sup> «unicité sans identité», Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 73.

<sup>49</sup> Cf. *ibid.*, p. 130-139.

<sup>50</sup> Cf. Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 52.

dade”<sup>51</sup>, e esta como a condição<sup>52</sup> da própria *poética* da relação. Por outras palavras, como a condição para empreender, no modo do “desejo metafísico” ou da resposta hiper-responsável, a «extravagância da aproximação»<sup>53</sup> de outrem. Que o mesmo é dizer, “a relação sem relação”.

Acontece que da “estranha, singular e exemplar” amizade de pensamento que terá também existido entre “Lévinas e Derrida” – uma exemplaridade que não deixa de sublinhar também o seu respectivo pensamento da amizade<sup>54</sup> –, nós temos também a sorte de, eles mesmos, dela terem falado. Mais Derrida, é certo, do que Lévinas...

O que, diga-se de passagem, não pode de todo surpreender da parte de dois filósofos da singularidade (Derrida) ou da “unicidade” (Lévinas) que, cada um a seu modo<sup>55</sup>, nos terão ensinado o registo eminentemente “autobiográfico” [obviamente no sentido de auto-bio-thanato-hetero-gráfico] da “escrita” – ou da Obra. Da Obra pensada, como Lévinas a pensa, como uma relação ou «um movimento do Mesmo para outrem que não retorna mais ao Mesmo»<sup>56</sup>. Da “escrita” como Obra, como rastro (*trace*) da Obra. Ou antes, e no caso pessoal de ambos<sup>57</sup>, como um *tallith*<sup>58</sup> – o «xaile de

<sup>51</sup> «[...] le prix de l’intériorité, qui est le prix de la séparation. La vie intérieure, le moi, la séparation sont le déracinement même, la non-participation», Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 55.

<sup>52</sup> «Un terme ne peut demeurer absolument au point de départ de la relation que comme Moi.», *ibid.*, p. 25.

<sup>53</sup> Cf. E. Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 215.

<sup>54</sup> Um pensamento da amizade de que Derrida dá conta em *Políticas da amizade* (trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003), dando também conta do diferendo que, a seu respeito, o separa de Lévinas.

<sup>55</sup> Cf. E. Lévinas, «Signature» in *Difficile Liberté*, J. Derrida, «Circonfession» in G. Bennington, J. Derrida, *Jacques Derrida*, Seuil, Paris

<sup>56</sup> «*l’Œuvre pensée radicalement est un mouvement du Même vers l’Autre qui ne retourne jamais au Même.*», Lévinas, «La signification et le sens» in *Humanisme de l’autre homme*, Fata Morgana, 1972, p. 44.

<sup>57</sup> É a *singular* referência ao judaísmo, da parte dos dois filósofos, que aqui visamos com esta alusão ao *tallith* – isto porque, sendo ambos de origem judaica e tendo ambos repensado o judaísmo para além do dogma (e, Derrida, mesmo para além da ideia de crença e de pertença ou de comunidade), não só eles viveram a sua pertença ao judaísmo de modo diferente, como a questão do judaísmo ou, melhor, da judaicidade, articulada com a questão do “político” e das suas respectivas experiências e práticas “políticas”, constitui um pomo de discórdia entre ambos que, para além da sua extraordinária proximidade de pensamento, importa salientar.

<sup>58</sup> «Peut-être est-ce ici le lieu de situer une allusion d’Emmanuel Lévinas à ce « treillis » des franges à travers lequel un regard se rendrait à Dieu.», *ibid.*, nota 25 p. 63 (Edição port. p. 57).

oração”<sup>59</sup> usado pelos judeus em sinal da «ligação ou da aliança com o impronunciável»<sup>60</sup>, e portanto em sinal de luto<sup>61</sup>, e que, memória da “ferida mortal”<sup>62</sup>, podia também tornar-se uma mortalha<sup>63</sup>. Um *tallith* que, em “Un ver à soie”, e não sem de passagem aludir a Lévinas na sua demarcação da tradição falocêntrica do “véu greco-judaico-paulino-islâmico-freudo-heideggeriano-lacaniano”<sup>64</sup>, Derrida faz questão de dizer único “até no número das suas pontas, abas, franjas”<sup>65</sup>, e sempre, mas sempre mesmo referido a “Um” – a “Um + n que não multiplica senão a primeira vez”<sup>66</sup>... [de cada vez a repetição da “primeira vez” sendo, como bem sabemos, a grande diferença da meta-ética levinasiana e da desconstrução derridiana em relação à tradição da hermenêutica heideggeriana: referência que, de passagem, aqui me permito também fazer por uma dupla razão.

Por um lado, e para além de salientar uma das marcas da extrema proximidade de pensamento e quanto ao pensamento entre “Lévinas e Derrida”, devido ao significado do pensador do *ser-no-mundo-com*, que foi Heidegger, para (o pensamento de) Lévinas<sup>67</sup>, e à referência oblíqua

---

<sup>59</sup> «[...] un châle de prière que j’aime à toucher plus qu’à le voir, à caresser tous les jours [...] Avant le voir et le savoir, avant le prévoir et le pré-savoir, [il] se porte en mémoire de la loi.», J. Derrida, «Un ver à soie» in *Voiles*, Galilée, Paris, p. 44. [trad. port « Um bicho da seda de si» in *Véus... à vela*, trad. Fernanda Bernardo, Quarteto, Coimbra, 2001, p. 40-41]

<sup>60</sup> «Liaison ou alliance avec l’imprononçable.», *ibid*, p. 62 (Edição port. p. 57).

<sup>61</sup> «Faute ou élection, un voile se porte en signe de deuil», *ibid*, p. 49. (Edição port. p. 45).

<sup>62</sup> A ‘ferida mortal’, isto é, a irremediável finitude de que, em sede judaica, a circuncisão é um testemunho – um testemunho da própria experiência da identificação e da *ipseidade*: «le tallith tient au corps comme une mémoire de la circoncision. Une circoncision réservée à l’homme, elle aussi.», *ibid*, p. 68. (edição. port. p. 62).

<sup>63</sup> Cf. *ibid*, nota 26, p. 67 (edição port., p. 61).

<sup>64</sup> Cf. J. Derrida, «Un ver à soie» in *op. cit.*, p. 80 (trad. port., p. 73).

<sup>65</sup> *Ibid*, p. 71.

<sup>66</sup> *Ibid*.

<sup>67</sup> De entre as muitas referências dadas por Lévinas onde, apesar da – imperdoável – breve proximidade à política do nacional-socialismo, o filósofo confessa o seu deslumbramento admirativo por Heidegger, lembremos esta passagem do diálogo com François Poirié: «La grande chose que j’ai trouvée [quando em 1928-29 se deslocou a Fribourg-en-Brisgau para seguir os cursos de Husserl] fut la manière dont la voie de Husserl était prolongée et transfigurée par Heidegger. Pour parler un langage de touriste, j’ai eu l’impression que je suis allé chez Husserl et que j’ai trouvé Heidegger. Je n’oublierai certes jamais Heidegger dans ses rapports à Hitler. Même si ces rapports ne furent que de brève durée, ils sont à jamais... Mais les œuvres de Heidegger, la manière dont il pratiquait la phénoménologie dans *Sein und Zeit* – j’ai su aussitôt que c’est l’un des plus grands philosophes de l’histoire. Comme Platon, comme Kant, comme Hegel, comme

a este ser-*com* que, de uma certa maneira, não pode também deixar de não se escutar no “cum” do seu contacto quiasmático com Derrida. E isto a fim de logramos, *pelo menos*, enunciar também a imensa ambiguidade do pensamento do tacto em Lévinas: um pensamento do tacto<sup>68</sup> ou do contacto que, para além do sentido e dos sentidos, isto é, para além da sensação, do teórico e do epistémico, é um pensamento do intangível<sup>69</sup>, do intocável e do invisível<sup>70</sup>, sim, é certo, mas ainda assim, e como Derrida bem o sublinha – nomeadamente na sua leitura da “mão”, da “carícia” e do “feminino” em Lévinas – não sem ambiguidade. E não sem ambiguidade em razão da manifesta virilidade do seu intrigante e determinante *falocentrismo*. Bem como do privilégio outorgado pelo filósofo à mão – como se só ela tocasse<sup>71</sup>...

Por outro lado, e agora do lado de Derrida, porque também este colocou explicitamente, mas ainda assim singularmente, a sua obra sob o tríplice signo de Lévinas, Blanchot e Heidegger: dos dois primeiros, para assumir a sua amizade e o seu legado teórico como uma das bênçãos da sua vida<sup>72</sup>. De Heidegger, para confessar que nada do que fazia, em termos de pensamento filosófico, teria sido possível sem a abertura das questões do filósofo alemão que, em *La contre-allée*<sup>73</sup>, sintomaticamente designará de contra-mestre. Mas dizer isto implica também lembrar, não só a muito

---

Bergson. [...] je ne peux pas renier une partie de ma vie, ni mon étonnement qui aujourd’hui encore me saisit chaque fois que je lis un texte heideggerien, et surtout, que je relis *Sein und Zeit* où je suis pris par la puissance d’analyse dont je vous ai parlé.», Lévinas a F. Poirié, *Emmanuel Lévinas. Qui êtes-vous ?*, p. 74-81.

<sup>68</sup> Um *pensamento do tacto* que Lévinas nos dá a pensar nomeadamente através da «carícia», a qual traduz a estrutura da própria ética. Na página 82 de *Le temps et l’autre* pode ler-se: «La caresse est un mode d’être du sujet, où le sujet dans le contact d’un autre va au-delà de ce contact. Le contact en tant que sensation fait partie du monde de la lumière. Mais ce qui est caressé n’est pas touché à proprement parler.».

<sup>69</sup> «La notion cartésienne de l’idée de l’Infini désigne une relation avec un être qui conserve son extériorité totale par rapport à celui qui le pense. Elle désigne le contact de l’intangible, contact qui ne compromet pas l’intégrité de ce qui est touché.», Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 42.

<sup>70</sup> Cf. Lévinas, *Totalité et Infini*, p. 288.

<sup>71</sup> Não esqueceremos no entanto a insinuante nota de rodapé de *Autrement qu’être* onde Lévinas afirma: «On peut voir et entendre comme on touche», op. cit., p. 94.

<sup>72</sup> Cf. J. Derrida a Alain David in op. cit., p. 31 e *Adieu – à Emmanuel Lévinas e Chaque fois unique, la fin du monde* (Galilée, Paris, 2003), «Blanchot est mort» in *Chaque fois unique, la fin du monde*.

<sup>73</sup> Cf. J. Derrida in J. Derrida, C. Malabou, *La contre-allée*, La Quinzaine Littéraire/Louis Vuitton, Paris, 1999, p. 57.

exigente concepção do herdar<sup>74</sup> para Derrida, como a distância dos próprios próximos – dos muito próximos mesmo. Uma proximidade a Heidegger-Blanchot-Lévinas que, confessada por Derrida *diante* do próprio Lévinas, aquando da defesa da sua tese na Sorbonne<sup>75</sup>, não rompe jamais a solidão – uma solidão que, neste filósofo, é sinónimo de singularidade<sup>76</sup>. Escutemo-lo também aqui:

«É verdade que os pensadores vivos que então me davam ou me provocavam mais a pensar, e continuam a fazê-lo, não são daqueles que rompem uma solidão, não são daqueles de quem nos podemos sentir simplesmente próximos, daqueles que formam grupo ou fazem escola, trate-se ele de Heidegger, de Lévinas, de Blanchot, ou de outros que não nomearei aqui, *daqueles a quem estranhamente chamamos próximos e que são, mais do que outros, outros. E que também estão sós*»<sup>77</sup>. [Eu sublinho].

Como a Obra<sup>78</sup> então, na sua insarável melancolia<sup>79</sup>, quero dizer, no seu irremediável luto do outro [dada a ingratidão, a infidelidade, a invisibilidade e a intangibilidade/intocabilidade inerentes ou decorrentes

---

<sup>74</sup> Herdar é para Derrida acolher o legado reafirmando-o ao mesmo tempo, assim e só assim o mantendo vivo cf. *Spectres de Marx e De quoi demain...*, p. 15-16 nomeadamente.

<sup>75</sup> Uma defesa que teve lugar na Sorbonne a 2 de Junho de 1980 diante de um júri presidido por M. de Gandillac e constituído por Aubenque, Desanti (orientador da tese), Joly, Lascault e Lévinas.

<sup>76</sup> Em «Le cinéma et ses fantômes», Jacques Derrida distingue ‘individualidade’ de ‘singularidade’ nos seguintes termos: «Je n’emploierai pas davantage le mot d’ ‘individualité’, trop solitaire. L’expression qui convient est celle de ‘singularité’, qui déplace, défait le lien social, et le rejoue autrement.» in *Cahiers du cinéma*, avril 2001, nr. 556, p. 80.

<sup>77</sup> «Il est vrai aussi que les penseurs vivants qui alors me donnaient ou me provoquaient le plus à penser et continuent de le faire ne sont pas de ceux qui rompent une solitude, pas de ceux dont on peut se sentir simplement proche, pas de ceux qui forment groupe ou font école, qu’il s’agisse de Heidegger, de Lévinas, ou de Blanchot, ou d’autres que je ne nommerai pas, de ceux qu’on appelle étrangement les proches et qui sont, plus que d’autres, les autres. Et qui aussi sont seuls.», J. Derrida, «Ponctuations : le temps de la thèse» in *Du Droit à la Philosophie*, Galilée, Paris, 1990, p. 448.

<sup>78</sup> «Or, l’Œuvre pensée radicalement est un mouvement du Même vers l’Autre qui ne retourne jamais au Même. L’œuvre pensée jusqu’au bout exige une générosité radicale du mouvement qui dans le Même va vers l’Autre. Elle exige, par conséquent, une ingratitude de l’Autre.», Lévinas, «La signification et le sens» in *Humanisme de l’autre homme*, Fata Morgana, Montpellier, 1972, p. 44.

<sup>79</sup> Para a questão da *melancolia* em Derrida, que, repensando a própria psicanálise freudiana, repensa a imensa tradição do *melethe thanatou* do *Fédon* e da *Heimweh* heideggeriana

da sua alteridade que, enquanto tal, jamais se deixa *de todo* tocar, ver, aproximar, reduzir, domesticar, apropriar ou conceptualizar], do evento e do *próprio*, a “escrita” envia-se ou grafa-se de singularidade a singularidade – e, demasiado bem o sabemos também, à prova da singularidade! Quero dizer, pondo a singularidade à prova. É, é claro, Derrida, o pensador da “escrita”, que sobretudo no-lo terá ensinado, lembrando-nos o carácter originariamente arruinado e testamentário<sup>80</sup>, isto é, enlutado, melancolicamente enlutado de todo o grafema<sup>81</sup>. Que o mesmo é dizer, lembrando-nos o grafema já como um singular “véu de luto”, isto é, de “separação” na maior proximidade do evento *ou* do outro. Ou como um “adeus”. Como um certo a-deus<sup>82</sup>...

Mas *talvez* também Lévinas no-lo tenha *finalmente* ensinado, embora, e uma vez mais, não sem ambiguidade! E digo *finalmente* porque, depois de aqui<sup>83</sup> e ali<sup>84</sup>, na sua obra<sup>85</sup>, manifestamente revelar uma incompreensão

---

na sua condição de *Grundstimmung* da filosofia, ver Fernanda Bernardo, «Entre nós. Nós de silêncio entre Derrida e Gadamer (e alguns outros) – do *Diálogo interior* (Gadamer) à *melancolia* (Derrida) ou a identidade do “eu” em desconstrução» in J. Derrida, *Carneiros. O Diálogo Ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*, Palimage, Coimbra, 2007, p. 59-131.

<sup>80</sup> «[...] toute trace est d’essence testamentaire», J. Derrida in «Dialogue entre Jacques Derrida, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy» in op. cit., p. 93.

<sup>81</sup> Cf. J. Derrida, *De la Grammatologie*, Minuit, Paris, 1967, «La pharmacie de Platon» in *La Dissémination*, Seuil, Paris.

<sup>82</sup> Cf. J. Derrida, «Adieu» in op. cit. e *Donner la mort*, p. 71-72.

<sup>83</sup> Por exemplo: «Mais ce n’est pas à partir de l’écriture que les problèmes me viennent [...] je me suis souvent demandé à propos de Derrida, si la différence du présent qui le mène à la déconstruction des notions, n’atteste pas le prestige que conserve à ses yeux l’éternité, la « grande présence », *l’être*, qui correspond à la priorité incontestée du *théorétique* et de la vérité du *théorétique*, para rapport auxquels la temporalité serait échec.», E. Lévinas, «Violence du Visage» (1985) in *Altérité et Transcendance*, Fata Morgana, Montpellier, 1995, p. 175-6.

<sup>84</sup> «La réduction phénoménologique, recherchant, par-delà l’être, le Moi pur – ne saurait s’obtenir par l’effet d’une écriture où l’encre du monde tache les doigts qui mettent ce monde entre parenthèses.», Lévinas, «Sans Identité» (1970) in *Humanisme de l’autre Homme*, Fata Morgana, Montpellier, 1972, p. 106.

<sup>85</sup> E mesmo ainda em *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, onde o *Dito* é sinónimo de *Escrita*, como a seguinte passagem, justamente relativa à relação ao outro como outro/rosto, o comprova: « Relation indéscribable, au sens littéral de ce terme; inconvertible en histoire, irréductible à la *simultanéité de l’écrit*, à l’*éternel présent* de l’écrit qui enregistre ou présente des résultats.», Lévinas, op. cit., p. 211. Notem-se os *itálicos*...



do sentido da escrita como arqui-escrita; que o mesmo é dizer, como luto ou melancolia da fala ou da dita palavra viva, como luto ou melancolia do absolutamente outro, do evento ou do dito referente, como luto ou como desvio e fuga ou interrupção do Dizer *no* Dito, senão mesmo como contradição do próprio Dizer, dir-se-ia agora sobretudo em linguagem levinasiana, escutem esta assaz surpreendente passagem do prefácio de 1987 à tradução alemã de *Totalité et Infini* – uma passagem que me permito citar aqui com a intenção de dar conta da presença do pensamento de Derrida a operar e a pesar no de Lévinas, e a manifestar-se no *corpus* da sua obra muito para além do único texto que, tanto quanto sei, ele terá dedicado ao seu pensamento. É uma passagem na qual Lévinas apresenta o outro na sua incondição de *rosto* como exterioridade, enigmaticidade e novidade absolutas – que o mesmo é dizer, na sua enigmática<sup>86</sup> extramundaneidade arqui-originária, aquém e/ou para além da linguagem (como Dito) como outro – *como outro*, isto é, como absoluta ou infinitamente outro (“*tout autre*”): o que, em linguagem levinasiana, quer dizer separado ou “santo”, e portanto, e de uma certa maneira, como invisível, intangível e intocável na maior proximidade!

«Rosto, já linguagem antes das palavras, linguagem original do rosto humano despojado do conteúdo que se dá – ou suporta – sob os nomes próprios, os títulos e os géneros do mundo. Linguagem original, já demanda, já, precisamente por isso, miséria, para o em-si do ser já mendicidade, mas também já imperativo que do mortal, do próximo, se faz responder, apesar da minha própria morte, mensagem da dificuldade da “santidade”, do sacrifício; origem do valor e do bem, ideia da ordem humana na ordem dada ao humano. Linguagem do inaudível, linguagem do inaudito, linguagem do não-dito. *Escrita!*»<sup>87</sup> (p. III)

---

<sup>86</sup> Lembremos que Lévinas define o rosto pela enigmaticidade, pela expressividade, pela vulnerabilidade e pela resistência – uma vulnerabilidade que se revelará a própria resistência ética, cf. *Totalidade e Infinito*.

<sup>87</sup> «Visage, déjà langage avant les mots, langage original du visage humain dépouillé de la contenance qu’il se donne – ou qu’il supporte – sous les noms propres, les titres et les genres du monde. Langage originel, déjà demande, déjà, comme telle précisément, misère, pour l’en-soi de l’être, déjà mendicité, mais déjà aussi impératif qui du mortel, qui du prochain, me fait répondre, malgré ma propre mort, message de la difficile sainteté, du sacrifice ; origine de la valeur et du bien, idée de l’ordre humain dans l’ordre donné à l’humain. Langage de l’inaudible, langage de l’inouï, langage du non-dit. Écriture !», Lévinas, prefácio à edição alemã (1987) de *Totalité et infini*, Kluwer Academic, p. III.

Eu sublinho para, para além de salientar a referência a esta “linguagem do inaudível”, “do não-dito” e/ou do “inaudito” como “escrita”, que o mesmo é dizer, como demanda e/ou injunção silenciosamente imperativa e intempestiva de próximo a próximo ou, e sobretudo em linguagem derridiana, de singularidade a singularidade, não menos que como desvio, “separação”, luto, espaçamento, prótese e substituição ou ex-criação do próximo, do outro ou da singularidade, sublinhar igualmente o ponto de exclamação – uma das marcas que, por excelência, denuncia a *tonalidade* singularmente “autobiográfica” da escrita levinasiana: tonalidade que, antes de qualquer outro e melhor do que qualquer outro Derrida<sup>88</sup> salientou.

O que é dizer que, assim (também) pensada pelo próprio Lévinas, assim, isto é, como *Obra* ou como “linguagem de fino silêncio”, a “escrita” não revela apenas a marca da “presença” do pensamento de Derrida no seu próprio pensamento, a pesar, a operar, a inspirar e a marcar o seu próprio pensamento. Dizendo tudo isto, ela diz também já algo, não só da relação ético-metafísica em geral, uma relação entre duas singularidades absolutas (*ou* *Obra*), mas também da relação de amizade e de pensamento que terá existido entre «Lévinas e Derrida» – que não só *se* leram e escreveram um sobre o outro, como *se* escreveram entre si: na sua jubilação enlutada, na sua anacronia, esta “escrita” é, demasiado bem o sabemos, um testemunho, porventura (para nós) o principal testemunho da disjunção alimentícia da sua “amizade de pensamento” – com efeito, ela é o “véu” da sua relação: um “véu” simultaneamente de interrupção e de infinitude que atesta a sua própria relação. Ou, e pelo antes dito acerca do *tallith*, e em linguagem nanciana, da sua mútua “*expeausition*”<sup>89</sup> – e da sua mútua “*expeausition*” tendo em conta que, no dizer de Lévinas, «*um se expõe ao outro como uma pele se expõe àquilo que a magoa*»<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> Cf. J. Derrida, *À dieu – à Emmanuel Lévinas*, p. 125 ; *L'animal que donc je suis*, p. 159.

<sup>89</sup> Cf. Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Metailié, Paris, 1992, p. 31 ss.

<sup>90</sup> «*L'un s'expose à l'autre comme une peau s'expose à ce qui la blesse*», Lévinas, *Autrement qu'être*, p. 63.

## 2. “Lévinas e Derrida” : “*um contacto no coração de um quiasma*”

«Ao sublinharmos a importância primordial das  
questões colocadas por Derrida, *quisemos dizer*  
*o prazer de um contacto no coração de um quiasma*»

E. Lévinas

Mas, porque da sua relação – uma relação de “amizade de pensamento e de coração” no dizer de Alain David<sup>91</sup> – tanto Lévinas como Derrida<sup>92</sup> falaram, começemos por escutar o que, da sua modalidade, eles mesmos disseram. E começemos por Lévinas.

Muito cedo, em 1973, no único texto que, tanto quanto sei, Lévinas terá dedicado ao pensamento de Jacques Derrida – um pensamento que no entanto eu me atrevo a dizer muito presente na sua obra e a interpelar o seu pensamento desde “*Violence et Métaphysique*”, o ensaio que, em 1963, Derrida lhe dedicou e lhe endereçou –

[E a este propósito permito-me interromper aqui o curso da minha exposição não mais do que o tempo de salientar dois aspectos algo prosaicos, mas que me parecem extremamente significativos. O primeiro, para referir que, à data do texto de Lévinas, Jacques Derrida era o autor de não mais de 8 títulos. A saber: a tradução e a introdução a *L’origine de la géométrie* de Husserl (PUF, 1962); *L’écriture et la différence* (Seuil, 1967); *La voix et le phénomène* (PUF, 1967); *De la Grammatologie* (Minuit, 1967); *La Dissémination* (Seuil, 1972); *Marges – de la philosophie* (Minuit, 1972); *L’archéologie du frivole* (Galilée, 1973) e *Positions* (Minuit, 1972).

Não mais de oito títulos, sim, é certo, mas, e como, para além de Lévinas, também Jean-Luc Nancy o referirá quase nos mesmos termos, nomeadamente em *D’ailleurs, Derrida* de Safaa Fathy, *ler tais obras era aperceber que havia ali o emergir de um pensamento novo e diferente – absolutamente diferente* (*Tout autrement*) reconheceu mesmo de imediato Lévinas<sup>93</sup> que, apesar da escassez das oito obras publicadas até àquela data, nele reconheceu de

---

<sup>91</sup> «[...] une amitié de pensée et de cœur», Alain David na sua entrevista a Jacques Derrida, «Derrida avec Lévinas : ‘entre lui et moi dans l’affection et la confiance partagée’» in Dossier Lévinas, *Magazine Littéraire*, n.º 419, avril, 2003, p. 30.

<sup>92</sup> Derrida dedicou ao pensamento de Lévinas dois ensaios [‘*Violence et Métaphysique*’ (1964) in *L’écriture et la Différance*] e ‘En ce moment même dans cet ouvrage me voici » (1980) in *Psyché. Invention de l’autre*] e um livro *À dieu – à Emmanuel Lévinas* (1995-1996). Referências ao pensamento de Lévinas encontram-se, no entanto, em toda a obra de Derrida – nomeadamente em *Le toucher*, Jean-Luc Nancy, «Abraham, l’autre», *Donner la mort*, *Points de Suspension*, *Apories* e *L’animal que donc je suis*.

<sup>93</sup> *Ibid*, p. 65.

imediatamente “um verdadeiro filósofo”: ousemos, nós, dizê-lo: sem dúvida o maior da segunda metade do séc. 20 e, seguramente, um dos muito grandes da história da filosofia. Com efeito, Derrida não repensou de novo e diferentemente apenas a história da filosofia – repensou e deu a pensar de novo e diferentemente *o todo* da cultura ocidental, da Bíblia à tele-técno-ciência contemporânea. E isto, não nos lembrando apenas os dois grandes fios que tecem a Europa ou a ocidentalidade filosófico-cultural, a saber, o (fio) do legado helénico e o do legado bíblico. Mas, e para além de denunciar a pureza da suposta identidade destes fios, mostrando como eles se contaminam na suposta oposição – «*Jewgreek is greekjew.*»<sup>94</sup> – da sua condição de grandes leituras ou de grandes traduções do “mundo”, da existência do homem no “mundo”, pondo antes a nu “aquilo” de onde ambos já provêm – e que, justamente, não se deixa pôr a nu ou vir à presença pura e simples: a saber, aquilo a que Derrida chamará a indesejabilidade ou a áfona imemorialidade de um passado absoluto que os dita e para sempre os assombra e enluta, deles se re-tirando. Deles se re-tirando e por isso in-finitamente os re-traçando. A imemorialidade de um tal passado absoluto, de um “profond jadis, jadis jamais assez” no dizer de P. Valéry tantas vezes citado por Lévinas, mal se distinguindo do mais puro porvir: da promessa de porvir (*à venir*). Da promessa do “futur antérieur” que é, como sabemos, o tempo da desconstrução.

O segundo aspecto que aqui desejo sublinhar é o facto de este texto de Lévinas em torno do pensamento de Derrida, sintomaticamente incluído numa obra intitulada *Noms Propres*, datar quase da véspera de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (1974), obra na qual não é difícil surpreender – como em parte nomeadamente Jacques Rolland<sup>95</sup> já o fez –, traços que dão conta da intensidade do “diálogo”<sup>96</sup> íntimo e silencioso de

<sup>94</sup> J. Derrida, «Violence et Métaphysique», p. 228.

<sup>95</sup> Cf. J. Rolland, *Parcours de l’autrement*, PUF, Paris, 2000.

<sup>96</sup> Como Saloman Malka contará. Primeiro, em *Emmanuel Lévinas. La vie et la trace*, (J. C. Lattès, Paris, 2002) onde na p. 190-191 se poderá ler: «Lévinas lui-même a peu écrit sur Derrida. [...] Il ne suivait pas tout Derrida. Chaque philosophe avait ses « choses », comme il disait à propos de lui-même. Il estimait sans doute qu’il écrivait beaucoup. Trop, peut-être. Mais cela n’empêchait pas « respect et admiration », selon les mots de Jacques Rolland qui affirme avoir eu à maintes reprises des témoignages de ces sentiments.»

Depois, em «Un parcours philosophique» (in *Magazine Littéraire, Emmanuel Lévinas*, nº 419 avril 2003, p. 26): «‘Le double et l’envers’, pourrait-t-on dire de Jacques Derrida. Une affection a lié les deux hommes. Une amitié réciproque. [...] Et aussi quelque chose qui ressemble à une mutuelle fécondité. Lévinas ne l’avouera jamais explicitement, mais c’est le fameux article de 1963 dans *L’écriture et différence* intitulé ‘Violence et métaphysique’, première lecture magistrale de l’ouvrage majeur du philosophe [...] qui fera le lien entre *Totalité et Infini* et *Autrement qu’être.*»

Lévinas com Derrida na prossecução do traçado do seu próprio pensamento. Um “diálogo” ditado e magnetizado pela bateria de *questões* que, em 1963, lhe foram endereçadas por “Violence et Métaphysique” (a que haverá que acrescentar também as de 1980, em “En ce moment même dans cet ouvrage me voici”). E eu sublinho *questões* porque, independentemente do que, a seu respeito, o próprio Derrida delas dirá, nomeadamente em “Adieu à Emmanuel Lévinas”, elas são de facto questões. Questões que, sem em nada questionarem a necessidade, a hiper-radicalidade, a urgência, a necessidade e a excepcionalidade do gesto de pensamento levinasiano – gesto de uma amplitude tal que, diz aí Derrida, «terá mudado o curso da reflexão do nosso tempo, e da reflexão sobre a filosofia, sobre o que a ordena à ética, a um outro pensamento da ética, da responsabilidade, da justiça, do Estado, etc., a um outro pensamento do outro, a um pensamento mais novo do que tantas novidades porque ordenado à anterioridade absoluta do rosto de outrem.»<sup>97</sup> –, questões que, sem em nada questionarem a amplitude do gesto de pensamento levinasiano, dizia, interpelam no entanto a sua estratégia e a sua economia discursivas em relação ao *logos* da tradição filosófica<sup>98</sup> (e nós sabemos o quanto esta questão da estratégia, do modo de dizer – por tantos tidos como a retórica, o estetismo ou mesmo o narcisismo de Derrida –, é fundamental para este pensador!). Questões no entanto, elas mesmas, já ditadas e atravessadas por aquilo a que o próprio Derrida chamará, acolhendo uma outra palavra do léxico de Lévinas (que não deixa de portar já também a sombra da *Zusage* de Heidegger ou da *Urwort* de Rosenzweig), a “questão-prece”<sup>99</sup> (“question-prière”) – uma “questão” anterior tanto à questão (*ti esti*) ou ao perguntar,

---

<sup>97</sup> «[...] aura changé le cours de la réflexion philosophique de notre temps, et de la réflexion sur la philosophie, sur ce qui l’ordonne à l’éthique, à une autre pensée de l’éthique, de la responsabilité, de la justice, de l’État, etc., à une autre pensée de l’autre, à une pensée plus neuve que tant de nouveautés parce qu’elle s’ordonne à l’antériorité absolue du visage d’autrui.», J. Derrida, «Adieu» in op.cit., p. 14.

<sup>98</sup> A resposta a esta crítica de Derrida terá aliás constituído a única conversa filosófica entre ambos. É o próprio Derrida que a conta a S. Malka, dando igualmente conta de que as relações entre os dois filósofos datam justamente do momento da publicação do ensaio de 1963 de Derrida: «Sur le fond, les relations commencèrent vraiment en 1964, avec la parution de l’article ‘Violence et Métaphysique’. Le texte avait été publié en deux parties. Derrida alla voir Lévinas. ‘Il m’a dit, raconte-t-il : Vous m’avez anesthésié dans le premier papier, puis vous m’avez opéré dans le second. C’est tout. Nous n’en avons jamais reparlé. Sauf une fois, où il m’a dit, en passant, avec le sourire, évoquant ce texte : Au fond, vous me reprochez d’avoir pris le *logos* grec, comme on prend l’autobus, pour descendre.», op. cit., p. 184-185.

<sup>99</sup> Cf. J. Derrida, Adieu» in op. cit., p. 26.

desde sempre tidos como a alma da filosofia, como ao “diálogo” entre ambos e, como *bem* sabemos também, a condição de possibilidade do próprio “diálogo”. A condição de entrada no seu ininterrupto diálogo ou no seu contacto quiasmático, precisamente. Questões que, na sua interpelação, *apesar* da sua interpelação, são à partida um “sim” de assentimento, de reafirmação, de saudação e de incondicional<sup>100</sup> acolhimento do *pensamento* de Lévinas: um *pensamento* diante do qual Derrida confessou não ter nunca objecções, e estar pronto a subscrever a tudo quanto ele diz<sup>101</sup>.

E como não referir também ainda aqui de passagem a importância que este ensaio de Derrida terá tido na fortuna do pensamento de Lévinas<sup>102</sup>? Quero dizer, na recepção, no bom, no *justo* acolhimento do pensamento de Lévinas? Pensamento do qual Derrida não cessou nunca de reafirmar a dificuldade, senão mesmo a impossibilidade – e isto, na maior fidelidade à escuta do seu idioma e para o subtrair à litania de um levinasianismo encantatório. Em suma, e para fechar aqui o parênteses e para retomar o meu dito, este ensaio de 63 de Jacques Derrida sobre o pensamento e a obra de Lévinas parece ter sido decisivo, tanto para a sua recepção, como para a sua evolução<sup>103</sup>.]

Assim, dizia, muito cedo, em 1973, no único texto que, tanto quanto sei, Lévinas dedicou a Jacques Derrida com o título “Jacques Derrida. Tout Autrement»<sup>104</sup>, o filósofo confessou o seu “encontro filosófico” com

<sup>100</sup> Ibid.

<sup>101</sup> «Devant une pensée comme celle de Lévinas, je n’ai jamais d’objection. Je suis prêt à souscrire à tout ce qu’il dit.», J. Derrida in «Débats» in *Altérités*, Osiris, Paris, 1986, p. 74.

<sup>102</sup> Como Marie-Anne Lescouret tão justamente o sublinha: «Derrida fournissait la lecture la plus subtile, la plus savante et la plus attentive jamais fournie de l’œuvre de Lévinas.» *Emmanuel Lévinas*, p. 320.

S. Malka, por sua vez, dirá: «ce texte fut déterminant. Il situa Lévinas dans le débat philosophique, de façon magistrale, et donna à sa première grande œuvre la place qui lui revenait.», *Emmanuel Lévinas, La vie et la trace*, p. 181.

<sup>103</sup> Como Jacques Rolland e Stéphane Mosès o corroboram – através do testemunho de Salomon Malka: «”Il y a une continuité dans le projet, dit Jacques Rolland, mais il y a un hiatus dans l’écriture, dans la formulation, et finalement dans les enjeux. Et je suis persuadé que ce qui fait le pont, ou le saut entre les deux, c’est l’article de Derrida de 1964.»

Stéphane Mosès, um dos melhores conhecedores de l’œuvre, germanista, enseignant à l’université de Jérusalem, constate pour sa part : « Le seul qui a compris tout, très vite, très tôt, c’est Derrida. » Il a lui-même posé un jour la question à Lévinas : « Que vous est-il arrivé entre ces deux livres ? Qu’y a-t-il eu dans votre vie ? » Et il a obtenu cette réponse, sur laquelle il continue de s’interroger : « Il y a que je suis devenu bon ! », *ibid*, p. 192.

<sup>104</sup> Texto inicialmente publicado na revista *L’arc*, nº 54, 1973 e que agora integra o livro de Lévinas, *Noms Propres*, Fata Morgana, Montpellier, 1976, p. 65-72.

Derrida como sendo ou como tendo sido do registo do “prazer de um contacto no coração de um quiasma”<sup>105</sup>. Ao *terminus* deste texto, entretanto tornado quase célebre para dizer a relação entre estes dois filósofos contemporâneos, vou eu permitir-me lembrá-lo uma vez mais aqui com a intenção de dar a escutar, com as palavras do próprio Emmanuel Lévinas, a modalidade da relação que o terá ligado a Derrida: uma relação que, ele, o pensador da “ética” ou<sup>106</sup> da “santidade” como “filosofia primeira”, isto é, o pensador da “separação” e, *ipso facto*, da unicidade, da singularidade extrema<sup>107</sup> e da “gratuidade da transcendência-para-com-o-outro”<sup>108</sup>, da “unicidade insubstituível ordenada à unicidade”<sup>109</sup> insubstituível, estima ser a da “modalidade do encontro em filosofia”. Em “prima philosophia”, como ele a entende, isto é, como “ética”<sup>110</sup> ou “justiça”, uma certa “justiça”, uma “justiça que ultrapassa ou excede a justiça”<sup>111</sup>, ou mesmo como “sabedoria do amor”<sup>112</sup>, sim, talvez... Mas talvez não em filosofia que, na pegada de Kant e de

<sup>105</sup> «[...] le plaisir d’un contact au cœur d’un chiasme», E. Lévinas, «Jacques Derrida. Tout autrement» in op. cit., p. 72.

<sup>106</sup> Para a compreensão deste ‘ou’ lembremos : «Le mot éthique est grec. Je pense beaucoup plus, maintenant surtout, à la sainteté, à la sainteté du visage d’autrui ou à la sainteté de mon obligation comme telle. Soit ! Il y a une sainteté dans le visage, mais surtout il y a de la sainteté ou de l’éthique envers soi-même dans un comportement qui aborde le visage comme visage, où l’obligation à l’égard d’autrui s’impose avant toute obligation : respecter autrui, c’est tenir compte d’autrui, c’est le faire passer avant soi.», Lévinas in F. Poirié, *Emmanuel Lévinas. Qui êtes-vous ?*, La Manufacture, p. 95.

<sup>107</sup> Como o conceito de ‘experiência’, por exemplo, o quase-conceito de ‘singularidade’ e de ‘indivíduo’ sofre de uma certa ambiguidade de sentido no todo da obra de Lévinas: usamo-lo aqui no sentido de singularidade única, prévia e distinta da identidade do cidadão: «Dans sa position éthique, le moi est distinct et du citoyen issu de la Cité, et de l’individu qui précède dans son égoïsme naturel tout ordre, mais dont la philosophie politique, depuis Hobbes, essaie de tirer - ou réussit à tirer - l’ordre social ou politique de la cité.», Lévinas, «La souffrance inutile» in *Entre Nous*, p. 338.

<sup>108</sup> «[...] gratuité de la transcendance-à l’autre», E. Lévinas, *Totalité et infini*, Kluwer Academic, p. II

<sup>109</sup> «[...] l’unicité d’irremplaçable ordonné à l’unicité’, E. Lévinas, *Totalité et infini*, p. II.

<sup>110</sup> «L’éthique, par-delà la vision et la certitude, dessine la structure de l’extériorité comme telle. La morale n’est pas une branche de la philosophie, mais la philosophie première.», Lévinas, *Totalité et infini*, p. 340.

<sup>111</sup> Cf. Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 201

<sup>112</sup> «[...] la philosophie serait dans ce sens-là l’apparition d’une sagesse du fond de cette charité initiale ; elle serait – et je ne joue pas sur les mots – la sagesse de cette charité, la sagesse de l’amour.», Lévinas, «Philosophie, Justice et Amour» in *Entre-Nous*, p. 122.

Heidegger, do *der Schritt zurück* de Heidegger (ainda que diferentemente!<sup>113</sup>) Derrida faz questão de bem distinguir de pensamento<sup>114</sup> – de *bem* distinguir, isto é, de salientar *ao mesmo tempo* a sua heterogeneidade sem oposição e a sua indissociabilidade, salientando, a par da singular primazia do pensamento por relação com a filosofia, já sempre *in memoriam* daquele, a impossibilidade do próprio pensamento, o seu limite, a sua quase-transcendência ou a sua hiper-radicalidade e, portanto, a sua aporeticidade intrínseca e irredutível. Eis as derradeiras palavras deste texto de Lévinas:

“A ridícula ambição de “melhorar” um verdadeiro filósofo não está obviamente no nosso desígnio. Cruzá-lo no seu caminho é já muito bom e é provavelmente a própria modalidade do encontro filosófico. Ao sublinharmos a importância primordial das questões colocadas por Derrida, quisemos dizer o prazer de um contacto no coração de um quiasma.”<sup>115</sup>

Um “*contacto no coração de um quiasma*”, sublinho – não sem deixar aqui no silêncio a referência ao “prazer” que, predicado da sensibilidade (ao tempo de *Autrement qu’être*), é para este filósofo, para além de um índice da vulnerabilidade que como que define a “subjectividade do sujeito” (para o dizer ainda nesta terminologia que pertence, como Derrida no-lo ensinou, ainda ao registo da metafísica), um dos modos da proximidade<sup>116</sup> a outrem –, um “*contacto no coração de um quiasma*”, sublinho, dizia, para salientar a modalidade da relação que, nas palavras do próprio Lévinas, o terá ligado ao pensamento de Derrida: a saber e reiterando, “*um contacto no coração de um quiasma*”.

---

<sup>113</sup> Cf. J. Derrida, *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*, Palimage, p. 20-22.

<sup>114</sup> «[...] la pensée, s’il y en a, ne se réduit peut-être, même si elle en est indissociable, ni à la science, à quelque science que ce soit, ni à la philosophie, encore moins à la théologie ou à l’idéologie.», J. Derrida, «Penser ce qui vient» in colectivo, *Derrida pour les temps à venir*, Stock, Paris, 2007, p. 35.

<sup>115</sup> «La ridicule ambition d’ ‘améliorer’ un vrai philosophe n’est certes pas dans notre dessein. Le croiser sur son chemin est déjà très bon et c’est probablement la modalité même de la rencontre philosophique. En soulignant l’importance primordiale des questions posées par Derrida, nous avons voulu dire le plaisir d’un contact au cœur d’un chiasme.», E. Lévinas, «Jacques Derrida. Tout autrement» in op. cit., p. 72.

<sup>116</sup> A significação do sensível ou da sensibilidade é descrita, em *Autrement qu’être*, em termos de prazer/fruição e de ferida que são também os termos da proximidade e da vulnerabilidade, cf. Lévinas, *Autrement qu’être*, cap. III, p. 77-124.



E viro-me de imediato para Derrida. Para tentar aperceber como *ecoou*<sup>117</sup> nele esta declaração de Lévinas, a fim de precisar a modalidade da relação que, também no seu próprio dizer, o terá ligado ao pensamento de Lévinas.

E se é certo esta confissão de Lévinas, em relação à modalidade da sua relação pessoal com o pensamento filosófico de Derrida, se ter entretanto tornado quase célebre, muito célebre mesmo, pelo menos entre os seus leitores e as suas leitoras, ousarei dizer que não menos célebre se tornou entretanto também o eco que ela teve em Derrida que, deste mesmo quiasma, disse que ele era “muito estreito” (“*très effilé*”). Resposta na qual haverá que escutar uma extra-ordinária *contra-assinatura* do pensamento de Lévinas – e uma vez mais haverá que escutar também esta palavra (*extra-ordinária*) em sentido levinasiano porque, como sabemos, ela pertence também ao seu léxico filosófico. Esta resposta salienta de facto a extra-ordinária proximidade e a extrema fidelidade de Derrida ao *pensamento* de Lévinas a quem, não sem subtileza, sublinha a irrespirável dificuldade, se não mesmo a impossibilidade e, e uma vez mais, a sua ambiguidade<sup>118</sup> no que diz respeito ao seu pensamento do contacto. E, dir-se-ia, uma ambiguidade, ela própria, com um duplo sentido. Precisemo-la desde já.

Apelando, por um lado, para a justa escuta da declaração levinasiana e problematizando “o” sentido de *um* tal “contacto”<sup>119</sup>, do que ele é ou, sobretudo, deve ser, tendo nomeadamente em conta, não só que nunca se logra tocar “o” sentido do tocar “propriamente dito”, como Lévinas no entanto dirá em *Le temps et l’autre*<sup>120</sup> – e isto porque, como também Jean-Luc Nancy precisará<sup>121</sup>, o tacto constitui justamente o limite do’s sentido’s, e portanto a impossibilidade do “propriamente dito” –, como o facto de

---

<sup>117</sup> Lembro que, singularmente repensado no rastro de Eco, o eco é já para Derrida uma repetição idiomática, ou seja, uma *re-afirmação*. Para esta questão, veja-se nomeadamente *Políticas da Amizade* (Campo das Letras, Porto, 2003) e *Vadios* (Palimage, no prelo).

<sup>118</sup> Uma ambiguidade com um duplo sentido: por um lado, no sentido da ambiguidade do próprio contacto, que caracteriza o que Lévinas tem pela imediatidade do contacto cf. *Autrement qu’être*, p. 94 ss, por outro, no sentido da ambiguidade que reveste o próprio contacto levinasiano: uma ambiguidade a este nível bem testemunhada em *Totalidade e Infinito*, nomeadamente, cf. p. 44 e 54.

<sup>119</sup> Para a relação afectuosa ou ética com outrem como proximidade ou contacto, cf. Lévinas, *Autrement qu’être*, p. 94-102.

<sup>120</sup> «Le contact en tant que sensation fait partie du monde de la lumière. Mais ce qui est caressé n’est pas touché à *proprement parler*.», Lévinas, *Le temps et l’autre*, PUF, Paris, 1979, p. 82. Eu sublinho.

<sup>121</sup> Cf. Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Métailié, Paris, 1992, p.40.

um *contacto* que merece mesmo o seu nome intervir sempre entre dois *X* – que o mesmo é dizer, e digamo-lo já também, entre dois *rostos* ou entre dois *enigmas* (em linguagem levinasiana) ou, em linguagem derridiana, entre duas singularidades *absolutas* e, enquanto tal, separadas ou secretas. Logo, intangíveis e/ou intocáveis! Um *contacto* entre dois idiomas, dir-se-á também ainda em linguagem derridiana. E lembrar-se-á que, marca da singularidade absoluta, um idioma é não só *de todo* intocável, como inapropriável e intraduzível<sup>122</sup>.

Por outro lado, e *ipso facto* dir-se-á, para sublinhar também já aqui aquilo que Derrida designará por “*point de contact*” para salientar a lei e a inevitável aporia do tacto ou do *contacto* – uma aporia que, notemo-lo, traduz a que igualmente se revela na sintaxe do sintagma blanchotiano-levinasiano de “relação *sem* relação”: uma relação cuja possibilidade e cuja finita infinitude é justamente accionada pelo “sem relação” como marca da “separação” e da alteridade respeitadas. Uma aporia que não deixará também de sublinhar, e agora criticamente, uma certa ambiguidade do pensamento do tacto de Lévinas ou segundo Lévinas: *um pensamento do tacto que toca sem tocar o intocável*, sim, é certo, mas ainda assim manifestamente viril, androfálico<sup>123</sup>, sempre segundo a mão, apenas segundo a mão<sup>124</sup> e, por vezes, não isento de uma certa fobia do *contacto*<sup>125</sup>. Acontece que, para Derrida, a lei do tacto ou do justo *contacto* (*inerente a todos os sentidos*) é tanto a da intocabilidade-intangibilidade sem fobia do/da *a-tocar*<sup>126</sup>, aquilo que o filósofo há-de designar por «voto de abstinência», por um *certo* «voto de abstinência», quanto a da insistente persistência do desejo de tocar e do imperdoável (e todavia necessário) perjúrio – da *quase*-transcendentalidade do perjúrio ou da infidelidade (mas, e obviamente, sempre em nome e a partir da justa rectidão da relação ou da justa fidelidade ao outro *a-tocar*)<sup>127</sup>. Sendo aliás a observância desta “fidelidade infiel”, desta fidelidade necessariamente infiel, sintoma do *double bind* alimentício do *contacto*, a paixão, o *tripalium* e a loucura da

<sup>122</sup> O filósofo volta a lembrá-lo no seu diálogo com Alain David (p. 31) – diz aí: «Deux idiomes restent intraduisibles l’un dans l’autre alors que l’entretien continue.»

<sup>123</sup> Cf. J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 92 ss.

<sup>124</sup> *Ibid*

<sup>125</sup> Cf. J. Derrida, *Adieu*, «Violence et Métaphysique» in op. cit., p. 127, 147 ss e *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, Galilée, Paris, 2000, p. 81-111.

<sup>126</sup> «Un vœu d’abstinence doit être tout sauf une phobie du contact. Au contraire, si j’ose dire !», J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 92, nota 3.

<sup>127</sup> «Loi du tact: tout commence, et la fidélité même, et le serment, par un impardonnable parjure.», J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 108.

desconstrução derridiana – como o próprio Derrida o confessará a E. Roudinesco:

«Fiel e infiel, como você tem razão! Vejo-me por vezes passar a correr no espelho da vida com a silhueta de um louco (ao mesmo tempo cômico e trágico) que se mata a ser infiel por espírito de fidelidade.»<sup>128</sup>

No fundo, é *como se*, através desta resposta-eco à declaração de Lévinas, Derrida nos lembrasse tanto à *lei do tacto* como à intocabilidade/intangibilidade do a-tocar – assim nos lembrando à diferença na maior proximidade –, e nos convidasse a escutar, a *bem* escutar o alcance inaudito do pensamento de Lévinas na sua irrespirável dificuldade – senão mesmo, insisto, na sua impossibilidade. Uma impossibilidade aliás sentida, vivida e sofrida pelo próprio Lévinas<sup>129</sup> – como adiante se precisará.

Porque, demasiado bem o sabemos, ninguém melhor do que Derrida nos terá feito compreender que a “ética” levinasiana – cuja estrutura se manifesta no contacto<sup>130</sup> como *modus* da proximidade, da sensibilidade, da significação, do Dizer, da vulnerabilidade e da responsabilidade –, a ‘ética’ que falta e uma “ética” sempre em falta<sup>131</sup>, uma “ética” entendida como “relação metafísica” ou como “relação sem relação” ao outro, é impossível. Que ela não é mesmo possível senão como impossível. E que assim *deve ser*. E que im-possível é *preciso*, e absolutamente, que ela seja. E isto, para a subtrair tanto à litania da doxa ou da ideologia (e mesmo da filosofia!) ética<sup>132</sup>, que povoa o crescente deserto de pensamento e de

---

<sup>128</sup> «Fidèle et infidèle, comme vous avez raison! Je me vois souvent passer très vite devant le miroir de la vie, comme la silhouette d’un fou (à la fois comique et tragique) qui se tue à être infidèle par esprit de fidélité.», J. Derrida in J. Derrida, E. Roudinesco, *De quoi demain...*, p. 14-15.

<sup>129</sup> Cf. J. Derrida, *Adieu*, p. 21-22.

<sup>130</sup> «Le contact n’est pas ouverture sur l’être, mais exposition à l’être. En cette caresse la proximité signifie en tant que proximité et non pas en tant qu’expérience de la proximité», J. Derrida, *Autrement qu’être*, p. 101.

<sup>131</sup> Para esta questão do singular “il faut” da ética, veja-se também Jean-Luc Nancy, «La voix libérée de l’homme» in *Les fins de l’homme. À partir du travail de Jacques Derrida*, Galilée, Paris, p. 163-165.

<sup>132</sup> «C’est une très grande pensée de l’autre, que celle de Levinas. Je dois dire [...] qu’actuellement les mots « autre », « respect de l’autre », « ouverture à l’autre », etc., deviennent un peu fatigants. Quelque chose devient mécanique dans cet usage moralisant du mot « autre », et quelque fois il y a aussi dans la référence à Lévinas quelque chose d’un peu mécanique, d’un peu facile [et édifiant] depuis quelques années. Je voudrais donc, au nom de cette pensée difficile, protester contre cette facilité.», J. Derrida, *Sur Parole*, ed. De l’Aube, Paris, p. 63.

“humanidade” do nosso hoje sombrio, como à violência da própria pureza ética<sup>133</sup>. É como se, através desta resposta-eco, Derrida apelasse para a nossa justa escuta da declaração-confissão de Lévinas, convidando à justa compreensão da modalidade do “contacto” entre ambos. Antecipemos: um “*point de contact*”, um “contacto” na “separação”, através da “separação” e graças à “separação” – como uma graça ou como uma bênção da “separação”. E, e *ipso facto*, um contacto na diferença (e também no diferendo) ao rés da maior proximidade e em nome da proximidade e da fidelidade de pensamento. Um *justo* contacto! Um *justo* contacto que salienta a «deiscência da (sua) proximidade»<sup>134</sup> pessoal e de pensamento.

O que se torna talvez mais claro (se é que posso autorizar-me desta palavra para falar do pensamento *e* de Derrida *e* de Lévinas...) numa entrevista que, em 2003, Derrida deu a Alain David. Uma entrevista com o título “Lévinas com Derrida. ‘entre ele e eu na afeição e na confiança partilhada’”<sup>135</sup>. Um título com infinitas ressonâncias<sup>136</sup> – «Derrida com Lévinas» –, que não deixa de vir também ao encontro daquele que é, aqui, o cerne da nossa questão, uma vez que é precisamente a modalidade deste “com” (*cum*) que aqui perscrutamos, perscrutando o modo do “contacto” entre os dois filósofos. Sem nada retirar ao segredo da sua “amizade de pensamento”, esta entrevista lança *talvez* uma nova luz sobre o estreitamento quiasmático da relação dos dois filósofos. E isto ao enfaticamente sublinhar, no sintagma levinasiano, a palavra “coração” para confessar o quanto tomava a peito (*tenir à coeur*) a sua relação com o pensamento levinasiano – um pensamento que, confessará, o terá acompanhado durante toda a sua vida de adulto<sup>137</sup>, e que terá estado sempre muito presente nos seus seminários –, o quanto esta relação (com o pensamento levinasiano) passava pelo “coração” (*passé par le coeur*)

<sup>133</sup> Cf. J. Derrida, «Le mot d’accueil» in op. cit., p. 66.

<sup>134</sup> «la déhiscence de la proximité», E. Lévinas, *Autrement qu’être*, p. 106.

<sup>135</sup> «Derrida avec Lévinas. ‘Entre lui et moi dans l’affection et la confiance partagée’» in Dossier Emmanuel Lévinas, *Magazine Littéraire*, n.º 419, avril, 2003, p. 30-34.

<sup>136</sup> E um título de infinitas ressonâncias se tivermos em mente o modo como Derrida pensa o ser ou estar ‘com’ – um modo que a palavra inglesa *With/out* diz de uma assentada. O *ser-com* aponta para tudo quanto Derrida pensa ou desconstrói: a saber, a plenitude harmónica do encontro, da sincronia, da contemporaneidade, etc. Para esta questão, veja-se nomeadamente *La Contre-allé*.

<sup>137</sup> «C’est une pensée qui m’a accompagné toute ma vie d’adulte.», J. Derrida, *Sur parole*, p. 64.

excedendo embora sempre o “coração” (*en passant le coeur*). De facto, Derrida diz aí:

«Aliás o quiasma de que ele [Lévinas] fala, o “coração do quiasma”, não sei – estou menos seguro do que nunca a tal respeito – se ele dá lugar ao “contacto”, *mas há seguramente nele coração*»<sup>138</sup> Eu sublinho.

Tentemos agora, a partir da escuta (ou da leitura) desta declaração, aproximar a proximidade que caracteriza o modo do singular “contacto” ou da relação (sem *relação*) que terá existido entre Lévinas e Derrida – uma relação de afeição, de «grande afeição de parte a parte», como Derrida também confessará a Salomon Malka<sup>139</sup>. O nosso objectivo é tentar mostrar como esta relação afectuosa, respeitosa e admirativa entre os dois filósofos, como esta afeição do “coração” passa também pelo “coração” do próprio pensamento filosófico, *que revela*, assim dizendo também algo da sua própria concepção do mesmo – do que o apela a pensar ou do que o faz pensar.

E comecemos pela pontuação – por atentar na pontuação que pontua esta declaração. E atentemos nos travessões, nos hifenes presentes nesta declaração: hifenes que, à semelhança da conjunção (*e*) que des-liga entre si os nomes “Lévinas e Derrida”, como que interrompem a inteireza e o contínuo desta declaração. Sabemos que com Derrida, *que leva muitíssimo a sério a difícil questão da relação do pensamento com a sua ex-posição linguajeira*<sup>140</sup>, nada é gratuito. Pelo contrário, “tudo é excepcionalmente preciso”, como aliás o próprio Lévinas referirá no seu texto em torno do pensamento de Derrida. Cito-o:

«Damo-nos conta de um estilo novo do pensamento ao ler estes textos excepcionalmente precisos e no entanto tão estranhos. Em *A Voz e o Fenómeno* que transtorna o discurso logo-cêntrico, nenhum pedaço de frase é contingente. Maravilhoso rigor aprendido certamente na escola fenomenológica [...] mas praticado com uma perseverança e uma arte consumada»<sup>141</sup>

<sup>138</sup> «D’ailleurs le chiasme dont il parle, le ‘cœur du chiasme’, je ne sais pas – je suis moins sûr que jamais à ce sujet – s’il donne lieu à du « contact », mais il y va sûrement du cœur », J. Derrida, «Derrida avec Lévinas. ‘Entre lui et moi dans l’affection et la confiance partagée’» in op.cit., p. 31.

<sup>139</sup> Cf. Salomon Malka, *Emmanuel Lévinas. La vie et la trace*, p. 183.

<sup>140</sup> «parler, c’est savoir que la pensée doit se rendre étrangère à elle-même pour se dire et s’apparaître», J. Derrida, «Force et Signification» in *L’écriture et la différence*, Seuil, Paris, 1967, p. 19, note 1.

<sup>141</sup> «On se rend compte d’un style nouveau de la pensée en lisant ces textes exceptionnellement précis et cependant si étranges. Dans *La Voix et le Phénomène* qui

E porque com Derrida “nenhum pedaço de frase é contingente”, e porque com Derrida “tudo é excepcionalmente preciso”, Lévinas *dixit*, não se pode então sequer passar por cima de uma vírgula! Não se pode portanto deixar de não prestar atenção aos hífenes, estes silenciosos traços e de união e de “separação”, *ao mesmo tempo* de união e de “separação” que, como Derrida ensina, também só ligam entre si os elementos da frase na medida em que, ao mesmo tempo, os des-ligam. Como os brancos<sup>142</sup>, que *espaçam* o silêncio, que *tocantemente* dão a ver (e) a ouvir o silêncio - como se a ausência, a ausência absoluta<sup>143</sup> e/ou a morte se passeasse entre as palavras, elas que, de facto, se passeiam entre as palavras como a sua própria sobrevivência -, os travessões têm também a sua importância: figuram uma espécie de “à parte”, de desvio, de hiato ou de interrupção no encadeamento da frase. Como se nela marcassem assim, e assim nela dessem a ler e/ou a escutar, o respirar do próprio pensamento. Ou o seu suspirar! O suspirar de um pensamento, da hiper-radicalidade de um pensamento (para além do ser e do saber e portanto também *para além* da autoridade do *Dito*) que *se* retira – que só se traça ou que só se espaça retirando-se. Porque os travessões não deixam também de figurar uma espécie de perda de fôlego da enunciação do pensamento, melhor, da *ex*-posição discursiva do pensamento e da sua necessária inscrição (*ex*-crição, diria Nancy<sup>144</sup>) na linguagem. E nem sequer parece difícil presentir neles a ênfase de um certo tom<sup>145</sup>, de uma mudança de tom sobretudo

oçam: “[...] não sei – *estou menos seguro do que nunca* [...] – se [...]”.

---

bouleverse le discours logo-centrique, aucun bout de phrase n’est contingent. Merveilleuse rigueur apprise certes à l’école phénoménologique [...] mais pratiquée avec un esprit de suite et un art consommé», E. Lévinas, «Jacques Derrida. Tout Autrement», p. 66.

<sup>142</sup> Referência oblíqua ao branco de Mallarmé que, é sabido, assume toda a importância, cf. nomeadamente J. Derrida, *La Dissémination*, Seuil, Paris, 1972 e «Envois» in *La carte postale de Socrate à Freud e au-delà*, Garnier-Flammarion, Paris, 1980, p. 266.

<sup>143</sup> «Seule l’absence pure – non pas absence de ceci ou de cela – mais l’absence de tout où s’annonce toute présence – peut *inspirer*, autrement dit *travailler*, puis faire travailler», J. Derrida, «Force et Signification» in *L’écriture et la différence*, Seuil, Paris, 1967, p. 17.

<sup>144</sup> «Il n’y a d’excription que par écriture, mais l’excrit reste cet autre bord que l’inscription, tout en signifiant sur un bord, ne cesse obstinément d’indiquer comme son autre-propre bord.», Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Métailié, Paris, 1992, p. 76.

<sup>145</sup> «Car je t’écris, tu ne le savais pas, sans interruption – même si je n’envoie pas tout. Si alors je perds la vie, c’est qu’avec la juste destination (puisque tu n’es pas là), le ton m’est refusé. *Ton*, c’est pour moi le nom de Dieu, mon Dieu, celui que je ne trouve pas.», J. Derrida, «Envois» in *La carte postale*, p. 125.

E nós, leitores e leitoras de Derrida, sabemos de cor a imensa importância do tom<sup>146</sup> e, sobretudo, da mudança de tom<sup>147</sup> no pensamento de Derrida. Na *ex-posição* do pensamento (distinto de filosofia) de Derrida – tanto quanto no seu endereçamento apostrofante ou *re*-afirmativo ao outro. Ele – que dá conta da vertigem do contratempo do endereçamento da resposta e da exposição ao outro – não deixa de dar também a ouvir uma espécie de suspiro ininterrupto diante da fatalidade da infidelidade da própria fidelidade ou do perjúrio quase-originário – do perjúrio<sup>148</sup> que é a própria sobrevivência (*survivance*) deste pensamento *para além* do ser e/ou do sentido, do saber e da certeza que, através dele, o próprio Derrida confessa:

ouçam bem: “[...] *não sei – estou menos seguro do que nunca [...] se*”.

O tom dá em suma conta, tanto da *quase*-transcendentalidade, como da anacronia e da fatalidade do perjúrio<sup>149</sup> deste *pensamento para outrem* (*pour autrui*), dando igualmente conta da sua *ex*-crição na linguagem e da sua *quase*-tradução na filosofia<sup>150</sup>. Dirá ele, dirá tal tom, a “poesia de Derrida”?

«Reside *ái*», escreve Lévinas no mesmo texto de 1963, «*para além* ou *fora* (*en dehors*) do alcance filosófico das proposições, um efeito puramente literário, o “*frisson*” novo, a poesia de Derrida»<sup>151</sup>. Eu sublinho.

---

<sup>146</sup> Veja-se nomeadamente, para esta questão, J. Derrida, *O monolinguismo do outro*, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2001 e «Timpanizar» in *Margens – da filosofia*, trad. António Magalhães e Joaquim T. Costa, Rés Ed., Porto, s/d, p. 11-25.

<sup>147</sup> «[...] *Wechsel der Töne* (ma préoccupation principale, je ne dis pas unique) .», J. Derrida, «Envois» in op. cit., p. 217.

<sup>148</sup> «Loi du tact: tout commence, et la fidélité même, et le serment, par un impardonnable parjure.», J. Derrida, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, p. 108.

<sup>149</sup> Para a fatalidade do perjúrio dando conta da im-possibilidade da ética ou da justiça em sede levinasiana, cfr. J. Derrida, *Adieu*, p. 60-69.

Lembremos também a confissão derridiana que, no fundo, confessa a im-possibilidade da desconstrução: «[...] je parjure comme je respire», J. Derrida, «Circonfession» in op. cit., p. 98.

<sup>150</sup> «[...] parler, c’est savoir que la pensée doit se rendre étrangère à elle-même pour se dire et s’apparaître.», J. Derrida, «Force et Signification» in *L’écriture et la différence*, Seuil, Paris, p. 19, note 1.

<sup>151</sup> «C’est là, en dehors de la portée philosophique des propositions, un effet purement littéraire, le frison nouveau, la poésie de Derrida.», E. Lévinas, «Jacques Derrida. Tout autrement» in op. cit., p. 66.

Mas – e no desejo de evitar mal-entendidos ou a sua persistência por simples preguiça ou, o que seria mais grave ainda, por pura desonestidade intelectual – perguntemos: o que entender *aqui* por poesia? Como entender a referência levinasiana tanto a este “*ai*” (“Reside *ai*”) como ao “*frisson novo*” ou à “poesia” (“Reside *ai* [...] o “*frisson novo*”, a poesia de Derrida)? E dizemos “*frisson novo*” ou poesia de Derrida porque este “*frisson novo*” retoma manifestamente o dito de Victor Hugo sobre a poesia de Baudelaire – sobre a novíssima poesia de Baudelaire –, e não deixa também de constituir uma saudação à saudação que, em “*Violence et Métaphysique*”, Derrida faz à profunda novidade do seu pensamento<sup>152</sup>.

Em que consistirá então a novíssima “poesia” de Derrida? E, questão conexas, qual a relação deste “*ai*” e desta “poesia”, tanto com a interrupção sincopada da frase – interrupção figurada, e digo bem figurada, pelos hífenes –, como com o referido “*para além*” ou “*fora*” (*en dehors*) do alcance filosófico das proposições”? Um “*para além*” e/ou um “*fora*” que está *para além* ou *fora* do filosófico e que insinua, como também bem sabemos, não só as paragens do pensamento, do poema e da alteridade, salientando a hiper-radicalidade, a hiperbolicidade e o irredentismo da desconstrução como pensamento na sua singular diferença com a filosofia, insistimos, como insinua também o seu envio ou o seu endereçamento destinerrante – destinerrante ou tocante –, à excepcionalidade de uma dada singularidade. Lévinas aqui.

E, na nossa leitura ou na nossa escuta desta afirmação de Lévinas, poderíamos mesmo desdobrá-la ainda, tentando precisar melhor a afirmação do filósofo, e dizer: a “poesia” *para além* e/ou *fora*, a salvo, excepcionalmente a salvo, tanto do alcance filosófico, como das proposições ou da linguagem. Um *para além* que, tanto para Lévinas como para Derrida, sendo o “lugar” sem lugar do pensamento ou da «ética» como *prima philosophia*, é também o “lugar” da amizade, da hospitalidade, da responsabilidade e/ou da justa relação a outrem<sup>153</sup>. Perguntemos: qual a relação ou haverá alguma relação entre este “algures poético” e o “coração”? O “coração do quiasma”? *Aí onde* é suposto ter tido lugar o “contacto” entre “Lévinas e Derrida”?

Mesmo se, no eco longínquo da injunção platónica<sup>154</sup> para que se rasgue o escrito e se aprenda de cor, para Derrida o poema – que, é sabido,

<sup>152</sup> Cf. J. Derrida, « *Violence et Métaphysique* » in op. cit., p. 122-123.

<sup>153</sup> «Le non-savoir est l'élément de l'amitié ou de l'hospitalité pour la transcendance de l'étranger, la distance infinie de l'autre.», J. Derrida, « *Adieu* » in op. cit., p. 20.

<sup>154</sup> «Or, la plus grande sauvegarde, c'est de ne pas écrire, mais d'apprendre par cœur, car il est impossible d'empêcher ce qui est écrit de tomber dans le domaine public.», Platão, *Letras*, II 314 c, Garnier-Flammarion, Paris, 1987, p. 91.



o filósofo faz questão de distinguir de poesia, a qual será já sempre a sua catástrofe<sup>155</sup> –, porque ditado pelo outro, pela visitação ou pela vinda surpreendentemente perturbante do outro,   do registo de uma singular perda de fôlego, do registo do canto ou do “de cor” (*par coeur*), do “saber de cor”<sup>156</sup>, e portanto do registo, tanto do traumatismo do evento, como do automatismo de uma certa repetição (desviante/arquivante/enlutante/perjurante) do próprio evento traumático, numa palavra, daquilo que está e estará sempre *para além* da linguagem, do semântico, da cultura, do saber e das bibliotecas do poético e, enquanto tal e paradoxalmente, de uma certa maneira sempre têm também ainda por vir, sempre prometido (  iterabilidade) como o próprio porvir; e se eu sigo aqui o motivo do “coração” para tentar precisar a relação de amizade pessoal e de pensamento que terá (des-)ligado Derrida a Lévinas, viro-me agora antes para Lévinas para tentar precisar, *com as suas próprias palavras*, uma vez mais, aquilo que ele pode eventualmente estar *aqui* a querer dizer-nos quando fala - e para deixar no silêncio a sua referência ao “efeito literário”! – da poesia *a operar*, algures, na obra de Derrida – como a Obra na obra de Derrida. E cito-vos, para começar, uma nota de Lévinas que encontrei ao acaso, graças ao acaso, justamente, aquando da preparação desta sessão de seminário. Cito-a, lembro, na minha intenção de precisar o que haverá *talvez* que escutar por “poesia de Derrida” no dizer de Emmanuel Lévinas. Um Derrida que, por sua vez e por seu lado, confessou, lembro-o também, ser seu único desejo dar a ler a interrupção<sup>157</sup>. O não-contacto, um certo não-contacto, uma certa abstinência do tacto que, no entanto, nele é tudo menos uma fobia do contacto! Pelo contrário, como *bem* sabemos: este não-contacto, este “*point de contact*” é antes a condição, tanto do desejo do tacto – do tacto como desejo também! –, como de um “contacto com tacto” ou, na superlativa gaguez do Dizer enf tico de Lévinas, a condição para um ininterrupto “contacto para além do contacto”<sup>158</sup>. O que   sugerir a interrupção (aqui *figurada* pelos próprios hífenes e pela  nfase do tom do que com eles ou através deles se insinua, a saber, o próprio *para outrem*

---

<sup>155</sup> «pas de po me sans accident», J. Derrida, *Che cos'  la poesia?* in *Points de suspension*, Galilée, Paris, 1992, p. 307.

<sup>156</sup> «Tu voudrais retenir par coeur une forme absolument unique, un  v nement dont l'intangibile singularité ne sépare plus l'idéalité, le sens idéal, comme on dit, du corps de la lettre. Le désir de cette ins paration absolue, le non-absolu absolu, tu y respires l'origine du poétique. D'où la résistance infinie au transfert de la lettre [...]», *ibid*, p. 306.

<sup>157</sup> Cf. nota 8.

<sup>158</sup> «La caresse est un mode d'être du sujet, où le sujet dans le contact un autre va au-delà de ce contact. Le contact en tant que sensation fait partie du monde de la lumière.», E. Lévinas, *Le Temps et l'Autre*, PUF, Paris, 1983, p. 82.

para além do ser, do saber e do próprio contacto) ou o não-contacto como a condição e o meio paradoxal do “contacto” com outrem – de um “contacto sem contacto” ou de um “contacto com tacto” nesta cena paradoxal em que o “*sem*” do “*sem contacto*” se revela afinal a condição de possibilidade de um *justo* ou do *recto* contacto<sup>159</sup>. Isto é, de um «contacto que», *antes* de qualquer interdito e de qualquer voto de abstinência, «toca sem tocar o intocável»<sup>160</sup>. Um *contacto* que lembra e se lembra, em suma, à lei do tacto – a própria lei do outro e, enquanto tal, a lei da interrupção e/ou do intocável. Mas para Derrida também, e *imediatamente*, a lei do perjúrio<sup>161</sup> e/ou da reiteração.

Escutemos então, *não sem surpresa*, Lévinas a dizer-nos a “poesia” como “Dizer” e este como ex-posição do “eu” e “aproximação obsessiva” de outrem – por outras palavras, escutemos Lévinas a insinuar a poesia, marca do *para além* da linguagem (Dizer) *na* própria linguagem (Dito), de outrem:

«[...] a palavra poesia designa para nós a ruptura da imanência à qual a linguagem se encontra condenada, a si mesma se aprisionando. Claro que nós não pensamos que esta ruptura seja um evento puramente estético. Mas no fundo a palavra poesia não nomeia, uma espécie de que a palavra arte designaria o género. Inseparável do verbo, ela transborda de significações proféticas.»<sup>162</sup>

Registo do *para além*, do *diferentemente* do ser ou da *excepção*, *antes* e *para além* da palavra, da linguagem, do verso e do versículo – «a palavra poesia designa para nós a ruptura da imanência, à qual a linguagem [como Dito] se encontra condenada» –; *para além* da arte, da filosofia da arte, da poética e da estética – «Claro que nós não pensamos que esta ruptura [da imanência] seja um evento puramente estético» –; numa palavra, *para*

<sup>159</sup> «[...] car ‘sans’ signifie toujours, vous vous en doutez, ‘sans-avec’ ou ‘avec-sans’, ‘et-sans’. [...] une conjonction se glisse et s’insinue d’avance dans toute disjonction, et *vice-versa*),», J. Derrida, «Et cetera...» in op. cit., p. 26.

<sup>160</sup> «contact qui touche sans toucher l’intouchable», J. Derrida, *Le toucher*, Jean-Luc Nancy, p. 96

<sup>161</sup> «Loi du tact: tout commence, et la fidélité même, et le serment, par un impardonnable parjure.», *ibid*, p. 108.

<sup>162</sup> «[...] le mot poésie désigne pour nous la rupture de l’immanence à laquelle se trouve condamné le langage, s’emprisonnant lui-même. Nous pensons certes que cette rupture soit un événement purement esthétique. Mais le mot poésie ne nomme pas, après tout, une espèce dont le mot art désignerait le genre. Inseparable du verbe, il déborde de significations prophétiques.», E. Lévinas, *Sur Maurice Blanchot*, Fata Morgana, Montpellier, 1975, nota 3, p. 79.

*além e diferentemente* do ser e do saber “poesia” designa *aqui* para Lévinas as paragens da irrespirabilidade da própria transcendência “ética”<sup>163</sup> – logo as paragens do próprio movimento *para outrem* que não retorna jamais ao mesmo, ou Obra, não menos que as paragens do pensamento, da amizade, da hospitalidade e da responsabilidade *para outrem* –, e insinua a dimensão pneumático-profética ou<sup>164</sup> inspirada da linguagem. O seu Dizer: o Dizer da linguagem ou a linguagem como Dizer que Lévinas diz ser o «evento extra-ordinário – a contra-corrente da presença – de exposição a outrem»<sup>165</sup>. A dobra idiomática da linguagem, diria Derrida para dizer a palavra (*tocante*) como “escrita”.

Ou, e na áspera terminologia de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, a “poesia” faz soar, espaçando-a, assim a tornando *quase* visível e *quase* audível, não só a contraDição (*ContraDiction* escreverá Derrida<sup>166</sup>) interna do próprio Dizer, como a dobra do Dizer *no Dito: no Dito*, quer dizer, e à semelhança do que Lévinas diz do infinito *no finito, nele* (*nele* que, para este filósofo, é suposto designar a pura e simples lhaneza da linguagem (Dito) da enunciação, da comunicação e da informação) *fora* dele: interrompendo-o ou, no próprio dizer levinasiano<sup>167</sup>, rasgando-o<sup>168</sup>, ferindo-o, obcecando-o e contraditando-o<sup>169</sup>. Contraditando-o “antes”<sup>170</sup> mesmo do contratempo da aparição de um certo *terceiro (terstis, testis)*<sup>171</sup> – o próprio Dito assediado ou obcecado pelo Dizer. Mas nunca, jamais,

<sup>163</sup> Cf. E. Lévinas, *Paul Celan. De l’être à l’autre*, Fata Morgana, Montpellier, 2002.

<sup>164</sup> Para a questão da inspiração, veja-se nomeadamente Lévinas, «La révélation dans la tradition juive» in *Au-delà du verset*, Minuit, Paris, 1982, p. 158-181.

<sup>165</sup> «[...] le Dire est l’événement extra-ordinaire – à contre-courant de la présence – d’exposition à autrui», Lévinas, *Jacques Derrida. Tout Autrement* in op. cit., p. 72.

<sup>166</sup> «[...] ce que nous appelions la ContraDiction, césure intime mais inspiration et respiration élémentaire du Dire», J. Derrida, *Ádieu*, p. 203.

<sup>167</sup> Para a difícil relação do Dizer e do Dito, cf. Lévinas, *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, cap. 1, p. 6-9.

<sup>168</sup> Cf. *ibid.*, p. 213-218.

<sup>169</sup> «Mais langage philosophique réduisant le Dit au Dire, réduit le Dit à la respiration s’ouvrant à l’autre et signifiant à autrui sa signifiante même. Réduction qui est donc un incessant dédit du Dit, au Dire toujours trahi par le Dit dont les mots se définissent par des mots non-définis, mouvement allant de dit en dédit où le sens se montre, périlite et se montre – navigation où l’élément qui porte l’embarcation est aussi l’élément qui la submerge et menace de l’engloutir.», *ibid.*, p. 228.

<sup>170</sup> As aspas pretendem insinuar a impossibilidade da pureza não contaminada da arqui-temporalidade correspondente ao Dizer e à rectidão da relação ética com outrem, cf. J. Derrida, «Le mot d’accueil», p.

<sup>171</sup> Referência ao «Il au fond du Tu», Lévinas, *De Dieu qui vient à l’idée*, p. 114.

lamentará Derrida<sup>172</sup>, contaminando-o: como sabemos, Lévinas gosta da contradição<sup>173</sup>, mas não gosta, nada mesmo, da contaminação! Uma contaminação que, para Derrida, está por todo o lado<sup>174</sup> e envenena a mais desejada e a mais extremada fidelidade ao outro!

E, assim pensada – assim, quero dizer, como a gaguez assombrada de um certo espaçamento na visibilidade das palavras, como o espaçamento da sua própria invisibilidade, justamente, e da intangibilidade/intocabilidade daquilo que, enlutada ou melancolicamente, elas referem ou a que se destinam –, “poesia” torna-se *aqui*, vemo-lo bem, um quase sinónimo de “ética” em sentido levinasiano (quer dizer, no alheamento da’s ética’s filosófico-normativa’s e no sentido de meta-, de ultra- ou de hiper-ética entendida como relação dissimétrica com o absolutamente outro) para dizer, tanto o registo do *antes*, do *para além* e do *diferentemente* do ser, do saber, da consciência<sup>175</sup>, da linguagem da informação e da comunicação, da presença e do mundo, como a in-finita aproximação ou o “contacto” com outrem, na transcendência da sua alteridade, como obsessão<sup>176</sup>. Para dizer, em suma, o registo do *diferentemente do ser* como aproximação perturbante ou contacto obsessivo com outrem – um contacto onde, no dizer de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, «o tocante e o tocado se separam»<sup>177</sup>.

<sup>172</sup> «Il [Lévinas] aime apparemment la déchirure mais il déteste la contamination», J. Derrida, «En ce moment même dans cet ouvrage me voici» in op. cit., p. 177.

<sup>173</sup> Cf. E. Lévinas, «Note préliminaire» in *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, Kluwer Academic Publishers, 1988.

<sup>174</sup> «[...] la contamination est partout [...] La langue nous empoisonne le plus secret de nos secrets, on ne peut même brûler chez soi, en paix, tracer le cercle d’un foyer, il faut encore lui sacrifier son propre sacrifice.», J. Derrida, *Feu la cendre*, des femmes, Paris, 1987, p. 48.

<sup>175</sup> «C’est cela que l’on nomme *obsession*, relation antérieure à l’acte, relation qui n’est pas acte ni position – et qui comme telle tranche sur la thèse fichtéenne qui veut que tout ce qui est dans la conscience soit posé par la conscience», Lévinas, «Dieu et l’onto-théologie» in op. cit., p. 203.

<sup>176</sup> Uma importante nota de rodapé a *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, diz: «C’est en tant que possédées par le prochain [...] que, au premier chef, les choses obsèdent. Au-delà de la surface ‘minérale’ de la chose, le contact est obsession par la trace d’une peau, par la trace d’un visage invisible que portent les choses et que seule la reproduction fixe en idole. Le contact purement minéral est privatif. L’obsession tranche sur la rectitude de la consommation et de la connaissance. Mais la caresse sommeille dans tout contact et le contact dans toute expérience sensible [...] : le thématizado desaparece na carícia onde a tematização se faz proximidade. Il y a là, certes, une part de métaphore et les choses seraient vraies et illusoire avant d’être proches. Mais la poésie du monde n’est-elle pas antérieure à la vérité des choses et inséparable de la proximité par excellence, de celle du prochain ou de la proximité du prochain par excellence.», Lévinas in op. cit., nota 10, p. 96.

<sup>177</sup> «le touchant et le touché se séparent», *Autrement qu’être*, p. 109.

Por sua vez, em sede derridiana, uma tal concepção de “poesia” – que traduz o que Derrida entende por poema, por “poema sem poesia”, como uma certa experiência do coração e do (saber) de cor<sup>178</sup> (*par coeur*) – é também um quase sinónimo de pensamento (distinto de filosofia, insisto) entendido como uma certa experiência do impossível – e portanto do “absolutamente outro” não menos que do desejo, da “invenção” e do “porvir”<sup>179</sup>.

Certo é que, num e noutro pensador, “poesia” sugere a hipérbole ou a ênfase<sup>180</sup> áfona do *para além* (da ontologia e da fenomenologia) ou do *diferentemente do ser* inerente à hiper-radicalidade, tanto da “ética” de Lévinas, como da “desconstrução” de Derrida: desta ênfase superlativa, marca ou sintoma da irredutibilidade do tom<sup>181</sup> ou do canto, isto é, do não-semântico, brota a incondicionalidade (para além da *condição*) e a impossibilidade (para além do possível ou do *poder-dynamis-possibilitas*) que caracterizam estes dois pensamentos. Estes dois pensamentos *para outrem* (na sua demarcação hiper-crítica do *pensamento de* inerente à onto-fenomenologia) ditados e assediados pela excelência da proximidade *para além* do ser<sup>182</sup>. E, e como sabemos também, marca do *autrement qu’être*, esta ênfase superlativa é igualmente o lugar de todos os incondicionais ou de todos os impossíveis de Derrida: o lugar da relação, do tacto, da amizade, da fé, do dom, do perdão, da hospitalidade, da responsabilidade,

---

<sup>178</sup> Lembremos: «J’appelle poème cela même qui apprend le cœur, ce qui invente le cœur, enfin *ce que* le mot cœur semble vouloir dire et que dans ma langue je discerne mal du mot cœur.», J. Derrida, *ibid.*, p. 307.

<sup>179</sup> Cf. J. Derrida, «Invention de l’autre» in *Psyché*, p. 26-7, 59-61.

<sup>180</sup> A ênfase é uma palavra que pertence sobretudo ao léxico filosófico de Lévinas: caracteriza o seu estilo designando «a exasperação do seu método filosófico»: «L’emphase, cela signifie à la fois une figure de rhétorique, un excès de l’expression, une manière de s’exagérer et une manière de se montrer. Le mot est très bon, comme le mot ‘hyperbole’: il y a des hyperboles où les notions se transmuent. Décrire cette mutation, c’est aussi faire de la phénoménologie. L’exaspération comme méthode de philosophie.», E. Lévinas, «Questions et Réponses» in *Dieu qui vient à l’idée*, Vrin, Paris, p. 142.

<sup>181</sup> «[...] avec la juste destination [...] le ton m’est refusé. Ton, c’est pour moi le nom de Dieu, mon Dieu, celui que je ne trouve pas.», J. Derrida, *La carte postale, de Socrate à Freud et au-delà*, p. 125.

<sup>182</sup> «Ce qui à l’analyse déconstructrice apparaît avec vérité comme manquement de soi est non pas le surplus – ce serait encore une promesse de bonheur et un résidu d’ontologie – mais le mieux de la proximité, une excellence, une élévation, l’éthique d’avant l’être ou le Bien au-delà de l’Être, pour citer encore un vieil auteur», E. Lévinas, *Jacques Derrida. Tout Autrement* in *op. cit.*, p. 72.

Para a leitura derridiana deste “velho autor”, veja-se «Comment ne pas parler» in *Psyché*, p. 563-569 onde Derrida dá conta da sua leitura do *epekeinas tes ousias* de Platão.

da decisão, da democracia por-vir, da justiça, da morte, do amor, da tradução, da invenção, do evento, *e etc.* ... Sendo também ainda o superlativo aquilo que é do foro do incomensurável<sup>183</sup> e, portanto, do incomparável – do foro do extra-ordinário, do ex-cepcional ou do fora-de-série, precisamente. Como o é, nomeadamente e a título de exemplo, a hiper-responsabilidade<sup>184</sup> da “unicidade sem identidade”<sup>185</sup> que, do lado da dita subjectividade, lhe corresponde na sua aproximação de outrem como outrem, isto é, como separado – aquilo que Lévinas também há-de designar pela *substituição* ou pelo *des-inter-essamento* do «*eu penso*, substancial como uma pedra, ou como um coração de pedra»<sup>186</sup>, num *eu-para-o-outro* «no qual o sujeito se faz coração e sensibilidade e mãos que dão»<sup>187</sup>. Em «Jacques Derrida», Lévinas di-lo-á assim:

«Que a linguagem esteja enxertada na diferença mais invisível do tempo, que o seu dizer esteja desencaixado do seu dito, que a correlação não seja rigorosa [...] situa certamente a linguagem longe de todo o empírico que se esgota em presença e em falta de presença. É certamente preciso um dia encontrar, a partir do dizer e da sua própria significação, a sua correlação com o Dito – o que não é impossível. Mas o Dizer não se esgota neste *Dito* [...], o Dizer é o evento extra-ordinário – a contra corrente da presença – de exposição a outrem, da sujeição a outrem, quer dizer, o evento da subjectividade. Ele é o um-para-o-outro [...], o para-o-outro da minha responsabilidade para com outrem [...], o *melhor* da proximidade»<sup>188</sup>.

---

<sup>183</sup> «Autrui n’est pas démesuré, mais incommensurable, c’est-à-dire qu’il ne tient pas dans un thème et ne peut apparaître à une conscience. Il est visage», Lévinas, «Dieu et l’onto-théo-logie» in op. cit., p. 202.

<sup>184</sup> Valerá talvez a pena lembrar Lévinas: «C’est [...] dans l’hyperbole, dans le superlatif, dans l’excellence de significations auxquels elles remontent [...] que les notions et l’essence qu’elles articulent, éclatent et se nouent en intrigue humaine. L’emphase de l’extériorité est excellence. Hauteur, ciel. Le royaume du ciel est éthique. Cette hyperbole, cette ex-cellence, n’est que le pour l’autre dans son désintéressement.», *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, p. 231.

<sup>185</sup> «Unicité sans identité», *ibid*, p. 73.

<sup>186</sup> «*je pense*, substantiel comme une pierre, ou comme un coeur de pierre», Lévinas, «Dieu et la philosophie» in *De Dieu qui vint à l’idée*, Vrin, Paris, 1986, p. 117.

<sup>187</sup> «où le sujet se fait coeur et sensibilité et mains qui donnent», *ibid*, p. 120.

<sup>188</sup> «Que le langage soit greffé sur la différence la plus invisible du temps, que son dire soit déboîté de son dit, que la corrélation ne soit pas rigoureuse [...], situe certainement le langage à part de tout l’empírico que s’épuise en présence et en défait de présence. Il faut certes un jour retrouver, à partir du Dire et de sa propre signification, sa corrélation avec

O que nos leva de volta à afirmação com a qual Derrida responde à de Lévinas a propósito do seu cruzamento quiasmático. Desta feita para nela sublinhar a palavra “coração”, “*lugar*” – se lugar for! – onde ou através do qual teve lugar, terá tido lugar o “contacto” ou a relação entre os dois filósofos. Escutem de novo:

«Aliás o quiasma de que ele [Lévinas] fala, o “coração do quiasma”, não sei – estou menos seguro do que nunca a este respeito – se ele dá lugar ao “contacto”, *mas há seguramente nele coração*».

### BIBLIOGRAFIA<sup>189</sup>

- J. DERRIDA, *Psyché. Invention de l'autre*, Galilée, Paris, 1987  
 J. DERRIDA, *cahier l'Herne, Derrida*, 83, s/d. Marie-Louise Mallet, Ginette Michaud, Paris, 2004  
 J. DERRIDA, *Parages*, Galilée, Paris, 1986  
 J. DERRIDA, *Voyous*, Galilée, Paris, 2002  
 J. DERRIDA, *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema* (trad. Fernanda Bernardo, Palimage, Coimbra, 2008  
 J. DERRIDA, *Papier Machine*, Galilée, Paris, 2001  
 J. DERRIDA, *Le toucher, Jean-Luc Nancy*, Galilée, Paris, 2000  
 J. DERRIDA, *À dieu – à Emmanuel Lévinas*, Galilée, Paris, 1987  
 J. DERRIDA, *L'écriture et la différence*, Seuil, Paris, 1967  
 J. DERRIDA, *Apories*, Galilée, Paris, 1996  
 J. DERRIDA, *Marges - de la philosophie*, Minuit, Paris, 1972 (trad. Port. António Magalhães J. Torres Costa, Rés Ed.)  
 J. DERRIDA, *L'animal que donc je suis*, Galilée, Paris, 2006.  
 J. DERRIDA, *La carte postale de Freud à Socrate et au-delà*, Flammarion, Paris, 1980  
 J. DERRIDA, « Débats » in J. Derrida e Pierre-Jean Labarrière, *Altérités*, Osiris, Paris, 1986  
 J. DERRIDA, *Politiques de l'amitié*, Galilée, Paris, 1994 (trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003)

---

le Dit – et cela n'est pas impossible. Mais le Dire ne s'épuise pas en ce *Dit* [...] le *Dire* est l'événement extra-ordinaire – à contre-courant de la présence – d'exposition à autrui, de la sujétion à autrui, c'est-à-dire l'événement de la subjectivité. Il est l'un-pour-l'autre. [...], le pour-l'autre de ma responsabilité pour autrui [...], le *mieux* de la proximité», E. Lévinas, *Jacques Derrida. Tout Autrement*» in op. cit., p. 71-72.

<sup>189</sup> Bibliografia da totalidade do ensaio.

- J. DERRIDA, *Signéponge*, Seuil, Paris, 1988
- J. DERRIDA, *La vérité en peinture*, Flammarion, Paris, 1978
- J. DERRIDA, «Circonfession» in G. Bennington, J. Derrida, *Jacques Derrida*, Seuil, Paris, 1991
- J. DERRIDA, «Un ver à soie» in *Voiles*, Galilée, Paris, 1998, [trad. port « Um bicho da seda de si» in *Véus... à vela*, trad. Fernanda Bernardo, Quarteto, Coimbra, 2001]
- J. DERRIDA, *Schibboleth. Pour Paul Celan*, Galilée, Paris, 1986
- J. DERRIDA, *Chaque fois unique, la fin du monde*, Galilée, Paris, 2003
- J. Derrida in J. Derrida, C. Malabou, *La contre-allée*, La Quinzaine Littéraire/Louis Vuitton, Paris, 1999
- J. DERRIDA, *Spectres de Marx*, Galilée, Paris, 1993
- J. DERRIDA, *De quoi demain...*, Fayard/Galilée, Paris, 2001
- J. DERRIDA, *Du Droit à la Philosophie*, Galilée, Paris, 1990
- J. DERRIDA, *De la Grammatologie*, Minuit, Paris, 1967
- J. DERRIDA, *La Dissémination*, Seuil, Paris, 1972
- J. DERRIDA, *Donner la mort*, Galilée, Paris, 1999
- J. DERRIDA, *Points de Suspension*, Galilée, Paris, 1992
- J. DERRIDA, «Derrida avec Lévinas : ‘entre lui et moi dans l’affection et la confiance partagée’» in Dossier Lévinas, *Magazine Littéraire*, n° 419, avril, 2003
- J. DERRIDA, *Le souverain bien*, ed. bilingue, Palimage, Viseu, 2004
- J. DERRIDA, *Glas*, Galilée, Paris, 1974
- J. DERRIDA, *Otobiographies*, Galilée, Paris, 1984
- J. DERRIDA, *Voyous*, Galilée, Paris, 2003 (trad. port. Fernanda Bernardo e Hugo Amaral, Palimage, no prelo)
- J. DERRIDA e C. MALABOU, *La contre-allée*, L. Vuitton-La quinzaine Littéraire, Paris, 1999
- J. DERRIDA, Pierre-Jean Labarrière, *Altérités*, Osiris, Paris, 1986.
- J. DERRIDA, *Força de lei*, trad. Fernanda Bernardo, Campo das Letras, Porto, 2003
- COLECTIVO, *Desconstructions. A user's guide*, Nicolas Royle ed., Palgrave, NY, 2000
- COLECTIVO, *Lectures de la différence sexuelle*, des femmes, Paris, 1994
- COLECTIVO, *Penser avec Jacques Derrida*, Rue Descartes, 52, PUF, Paris, 2006.
- COLECTIVO, *Exercices de la patience*, n° 1, 1980
- COLECTIVO, *L'animal autobiographique*, Galilée, Paris
- E. LÉVINAS, *Les imprévus de l'histoire*, Fata Morgana, Montpellier, 1994.
- E. LÉVINAS, *Dieu, la mort et le temps*, Grasset, Paris, 1993 [trad. port. Fernanda Bernardo, Almedina, Coimbra, 2003].
- E. LÉVINAS, *Entre-Nous*, Grasset & Fasquelle, Paris, 1991
- E. LÉVINAS, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Boston/London, 1988
- E. LÉVINAS, *Sur Maurice Blanchot*, Fata Morgana, Montpellier, 1975



- E. LÉVINAS, *Humanisme de l'autre homme*, Fata Morgana, Montpellier, 1972
- E. LÉVINAS, *Quatre Lectures Talmudiques*, Minuit, Paris, 1987.
- E. LÉVINAS, *Difficile Liberté*, Albin Michel, Paris, 1976
- E. LÉVINAS, *Noms Propres*, Fata Morgana, Montpellier, 1976
- E. LÉVINAS, *Le temps et l'autre*, PUF, Paris, 1983
- E. LÉVINAS, *De Dieu qui vient à l'idée*, Vrin, Paris, 1982
- E. LÉVINAS, *De l'existence à l'existant*, Vrin, Paris, 1973
- E. LÉVINAS, *Totalité et infini*, Kluwer Academic, Paris
- E. LÉVINAS, *Altérité et Transcendance*, Fata Morgana, Montpellier, 1995
- E. LÉVINAS, *À l'heure des nations*, Minuit, Paris, 1988
- FRANÇOIS POIRIÉ, *Emmanuel Lévinas. Qui êtes-vous ?*, La Manufacture, Lyon, 1987
- CHRISTOPHE BIDENT, *Maurice Blanchot. Partenaire de l'invisible*, Champ Vallon, Seyssel, 1998.
- MAURICE BLANCHOT, *L'Entretien Infini*, Gallimard, Paris, 1969.
- MAURICE BLANCHOT, *Une voix venue d'ailleurs*, Gallimard, Paris, 2002
- MAURICE BLANCHOT, *Pour l'amitié*, Fourbis, Paris, 1996.
- JACQUES ROLLAND, *Parcours de l'autrement*, PUF, Paris, 2000.
- SALOMAN MALKA, *Emmanuel Lévinas. La vie et la trace*, J.C. Lattès, Paris, 2002
- SALOMON MALKA, «Un parcours philosophique» in *Magazine Littéraire, Emmanuel Lévinas*, n° 419 avril 2003
- MARIE-ANNE LESCOURRET, *Emmanuel Lévinas*, Flammarion, Paris, 1994
- JEAN-LUC NANCY, *Corpus*, Métailié, Paris, 1992
- PAULETTE KEYSER, *Emmanuel Lévinas : la face du féminin*, PUF, Paris, 2000
- G. FRAISSE, *La controverse des sexes*, PUF, Paris, 2001
- S. AGACINSKI, *Politiques des sexes*, Seuil, Paris, 2005
- LUCE IRIGARAY, «Le sujet exposé» in *Exercices de la Patience*, n. 5, printemps, 1983.
- C. CHÂLIER, *Figures du féminin : lecture d'Emmanuel Lévinas*, La nuit surveillée, Paris, 1982 e des femmes, Paris, 2006
- S. FREUD, *Deuil et Mélancolie*, Gallimard, Paris
- FETHI BENSLAMA, «La répudiation originaire» in *idiomes, Nationalités, Déconstruction*, Intersignes, nr. 13, automne, 1998.
- HÉLÈNE CIXOUS, *La jeune née*. UGE, Paris, 1975
- ELISABETH DE FONTENAY, *Le silence des bêtes*, Fayard, Paris, 1998
- PLATÃO, *Protágoras*, Inquérito, Lisboa
- FLORENCE BURGAT, *Animal, mon prochain*, Odile Jacob, Paris, 1997
- J. LLEWELYN, *The Middle Voice of Ecological Conscience : A chiasmic reading of responsibility in the neighbourhood of Lévinas, Heidegger and others*, St Martins's Press, NY, 1991
- COLECTIVO, *Derrida pour les temps à venir*, Stock, Paris, 2007.